

**A COBERTURA DO JB E DO
GLOBO DA QUEDA DO
MURO DE BERLIM (1989) E
DO FIM DA UNIÃO
SOVIÉTICA (1991)**

Célio de Azevedo Júnior (Célio
Azevedo)

Rio de Janeiro

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DO
JB E DO GLOBO**

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”.

Walter Benjamin

RESUMO

Este estudo pretende mostrar como o *Jornal do Brasil* e *O Globo* manipularam os fatos políticos da queda do Muro de Berlim, em 1989, e da URSS, em 1991. Para isso, foram realizados levantamentos bibliográficos acerca do tema, que foi abordado de modo a responder as seguintes questões: a manipulação jornalística é inerente ao Jornalismo? O jornalismo brasileiro é afetado pela cobertura jornalística realizada através das agências de notícias internacionais?

Primeiramente, apresentei um pouco da história do socialismo, no intuito de situar o leitor sob uma análise geral dos fatos. Depois, relatei o desenvolvimento da Imprensa no capitalismo e o histórico dos dois principais jornais acima citados. Assim, foi realizada uma pesquisa com base em diversos teóricos que analisam a manipulação da grande imprensa.

ABSTRACT

This research intends to show as the *Jornal do Brasil* and *O Globo* had manipulated the politic facts of the fall of the Berlin's wall, in 1989, and of the Ussr, in 1991. For this, bibliographical surveys concerning the subject had been carried through, that was boarded in order to answer the following questions: Is the journalistic manipulation inherent to the Journalism? Is the Brazilian journalism affected by the carried through journalistic covering through the agencies of international notice? First, I presented a little of the history socialism's history, in intention to point out the reader under a general analysis of the facts. Later, I told to the development of the Press in the capitalism and the description of two main periodicals above cited. Thus, a research was carried through on the basis of diverse theoreticians who analyze the manipulation of the big press.

ÍNDICE

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO

HISTÓRICO DO SOCIALISMO.

A EVOLUÇÃO DA IMPRENSA E SUA RELAÇÃO COM O CAPITALISMO

A HISTÓRIA DO JB.

A HISTÓRIA DO JORNAL O GLOBO.

CAPÍTULO 2 - A DISCUSSÃO TEÓRICA JORNALISMO E PODER.

JORNALISMO E CAPITALISMO.

O FALSEAMENTO E A SUPRESSÃO DA INFORMAÇÃO

A IMPRENSA DO SOCIALISMO.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE MATÉRIAS

3.1 ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO JORNAL O GLOBO.

3.2 ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO JB.

3.3 CONCLUSÃO.

4.0 REFERÊNCIAS TEÓRICAS

ANEXOS

PREFÁCIO

O presente trabalho propõe a análise das matérias veiculadas em dois jornais da grande imprensa, O Globo e o JB, sobre a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o fim do bloco soviético, em 1991.

A escolha desse tema se deu por conta das constatações feitas pelo pesquisador de que os meios de comunicação se constituem em um poder político atuante na formação da opinião pública e na construção de uma nova realidade através da manipulação dos fatos políticos. Como ex-membro do PCB – Partido Comunista Brasileiro, essa constatação chamou ainda mais a atenção do autor deste livro, ao perceber que a imprensa ocidental nos momentos históricos acima citados dava provas efetivas dessa manipulação.

Nesta pesquisa é realizada uma reflexão teórica com base em diversos autores como Pierre Bourdieu, Perseu Abramo, Ciro Marcondes Filho, Nilson Lage, João Batista de Abreu, Gramsci,

Althusser, Roberto Campos, entre outros, que apresentam suas teorizações sobre ideologia, hegemonia, a relação entre jornalismo e poderes, manipulação jornalística e o poder simbólico.

Os elementos históricos que caracterizam o Jornal do Brasil também são determinantes na pesquisa sobre a cobertura jornalística e sua influência na formação da opinião pública. Durante a ditadura militar, o JB foi um veículo com ideias progressistas e foi atuante na luta pela democracia. Enquanto que o jornal O Globo manteve uma relação de convivência, uma aproximação com os articuladores do golpe. As organizações Globo, além da concessão de um canal de televisão, ainda receberam financiamento norte-americano do grupo *Time Life*, com apoio do governo militar, para fundar a sua emissora.

O Jornal do Brasil obteve um prêmio Esso com o desmonte do relatório das investigações do inquérito sobre o caso do Riocentro ¹ e teve grande participação na denúncia da tentativa de fraude, pela Proconsult ², nas eleições estaduais do Rio de Janeiro, em 1982.

O jornal também noticiou a queda do presidente socialista *Salvador Allende*, em 1973, e os fatos após o golpe militar no Chile, com matérias nos pareciam indicativas, inicialmente, de uma postura política editorial afinada com ideias progressistas e de aproximação social. Linha editorial esta que, a princípio, parecia divergir da linha editorial de O Globo, um veículo estigmatizado pelo seu passado ligado à ditadura militar.

A partir da década de 1970, o JB começou a passar por crises. O jornal situava-se inicialmente em sua tradicional sede na Avenida Rio Branco, porém, a mudança para o moderno prédio da Avenida Brasil desencadeou, depois de alguns anos, diversos problemas financeiros.

O JB perdeu uma concessão de TV por ser contra a ditadura militar e as organizações Globo

cresceram rapidamente e de maneira espetacular durante a década de 1980. O Jornal do Brasil se endivida ainda mais, quando o veículo é obrigado a reduzir os custos e passar a utilizar a gráfica do Jornal O DIA, na década de 1990.

Durante a crise do socialismo no leste europeu, o JB teria realizado, a nosso ver, uma cobertura internacional do mesmo viés político que o jornal O Globo, com a publicação de matérias que levavam a opinião pública à interpretação de que o fim do Muro de Berlim e da URSS seriam a derrocada final do socialismo, enquanto ideologia política.

Levantar-se-ão as seguintes hipóteses:

- a manipulação jornalística é inerente ao Jornalismo e que as matérias são constituídas de valores ideológicos decorrentes dos interesses políticos dos veículos jornalísticos. E que tanto o JB quanto O Globo expressam estes valores nas matérias, títulos, fotografias e entretítulos.

¹ O atentado do Riocentro foi um ataque à bomba contra o Pavilhão Riocentro no dia 30 de abril de 1981.

² O esquema Proconsult visava divulgar dados adulterados das eleições de 1982 para governador do Rio de Janeiro, no intuito de se impedir a vitória de Leonel Brizola. O plano foi denunciado pelo JB.

- o jornalismo brasileiro é afetado pela cobertura jornalística realizada através das agências de notícias durante a crise do socialismo de modo que, em suas editorias internacionais, os jornais O Globo e o Jornal do Brasil teriam publicado as mesmas opiniões sobre o fim do socialismo, em consonância com estas agências.

Nosso objetivo com este estudo é verificar até que ponto veículos com trajetórias distintas, inseridos no mesmo mercado, passam a adotar perspectivas idênticas no tratamento de um tema político. E como estas coberturas se uniformizam a partir da dependência dos jornais das agências de notícias.

Não vamos trabalhar com fotos que ilustram as matérias para analisá-las porque o foco principal deste trabalho são os textos escritos. Embora muitas delas produzam uma interpretação que corrobora o sentido dos textos jornalísticos.

Esse livro se divide em três capítulos:

- Capítulo 1 - Contexto Histórico.
- Capítulo 2 - A discussão teórica.
- Capítulo 3 – A análise de matérias e conclusão.

Capítulo 1 – Contexto Histórico

1. 1 - O Histórico do Socialismo

O objetivo deste capítulo é descrever os aspectos históricos que envolvam o termo socialismo, além de descrever sua evolução como ideologia ao longo dos tempos. Estaremos aqui também discutindo a história da imprensa no Brasil e no mundo, a sua relação com o capitalismo e a trajetória dos principais jornais brasileiros durante o século XX, em especial a história do Jornal do Brasil (O JB) e jornal O Globo.

De acordo com o dicionário de sociologia, o socialismo seria um modo de produção, uma forma determinada em um dado momento histórico da civilização de se produzir a vida, e suas variações significam formas diferentes de relação homem-natureza e homem-homem. Na denominação genérica, seria um conjunto de teorias sócio- econômicas, ideologias e práticas

políticas que postulam o fim das desigualdades econômicas entre as classes sociais, ou a completa abolição do conceito de classes, na transformação do sistema econômico.

Ainda no dicionário de sociologia, o comunismo é um sistema econômico que nega a propriedade privada dos meios de produção, após o socialismo, baseando-se na propriedade coletiva. Num sistema comunista, os meios de produção são socializados, ou seja, a produção da propriedade da sociedade é propriedade da mesma, que pertence à classe trabalhadora.

Para se avaliar o que é o socialismo e o comunismo, pode-se notar a maneira como estes termos surgiram como ideologia: Antonio Gramsci ³ definiu a ideologia, em seu livro *Concepção Dialética da História*, como um sistema de ideias ⁴, pois existiram

³ Antonio Gramsci nasceu em Roma no dia 22 de janeiro de 1891. Gramsci era um filósofo marxista, se filiou ao Partido Socialista Italiano, que mais tarde se transformou em Partido Comunista Italiano. Em 8 de novembro de 1926, a polícia italiana o prendeu, e só saiu em 1934 por problemas de saúde, morrendo pouco tempo depois, aos 46 anos de idade.

⁴ GRAMSCI, Antonio, *Concepção Dialética da História*, 1981, p. 62.

várias definições sobre esse termo. Segundo Gramsci (1981), a significação original da ideologia era a de uma “ciência das ideias” e, já que a análise era o único método reconhecido e aplicado pela ciência no século XVIII, a ideologia significava então uma “análise das ideias”, isto é, uma “pesquisa da origem das ideias”.

Para Gramsci, a maneira pela qual o conceito de ideologia como “ciência das ideias” ou “análise sobre a origem das ideias” passou a significar um determinado “sistema de ideias” precisa ser examinado historicamente, já que logicamente o processo é fácil de ser analisado e compreendido.

Althusser ⁵ (2003) diz em *Aparelhos Ideológicos de Estado* que a ideologia não é nada mais que puro sonho e que esta não possui história, o que não quer dizer que esta não possua uma história, mas também não teria uma história *sua*, ou seja, geral ⁶.

A ideologia seria uma representação da

relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência, como a ideologia religiosa, a ideologia moral, a ideologia jurídica, a ideologia política, entre outras, que seriam concepções de mundo.

Portanto, ao se admitir que estas não corresponderiam à realidade e sim a uma ilusão, pode-se admitir que elas se referem à realidade e que bastaria interpretá-las para encontrar, sob a representação imaginária do mundo, a realidade desse mundo, em uma junção: ilusão e alusão ⁷.

Ainda em Althusser (2003), a ideologia interpelaria os indivíduos, e que só haveria ideologia pelo sujeito e para o sujeito, ou seja, a ideologia existiria para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só seria possível pelo sujeito, ou seja, sua categoria e funcionamento ⁸.

Todos seriam *sempre* sujeitos e que,

enquanto tais, praticariam interruptamente os rituais do conhecimento ideológico, que garantiria que todos são sujeitos concretos, individuais e, inconfundíveis. Porém, o reconhecimento de que seriam sujeitos, através dos rituais práticos da vida cotidiana (mesmo ao ignorá-los) daria a todos apenas a consciência da prática eterna do reconhecimento ideológico. Para se chegar ao

⁵ Louis Althusser é considerado um dos principais nomes do estruturalismo francês. Em 1948, filiou-se ao Partido Comunista Francês. Em 1980, estrangulou a sua esposa por conta de um surto psicótico, mas foi declarado incapaz e inocentado em 1981. Foi autor de diversas obras como o “Ler o Capital” e *Pour Marx*. ⁶ ALTHUSSER, Luis, *Aparelhos ideológicos de Estado*, 2003, p. 84.

⁷ *Idem, Ibidem*, p.86.

⁸ *Idem, Ibidem*, p.93.

conhecimento científico do mecanismo para este reconhecimento seria preciso esboçar um discurso que tentasse romper com a ideologia, pretendendo ser o início de um discurso científico, isto é, sem sujeito, acerca da ideologia ⁹.

O filósofo francês Michel Pêcheux (1997) adota o termo *aparelho ideológico de Estado* de Althusser para dizer que as ideologias não seriam feitas de ideias, e sim, de práticas, e afirma que a ideologia não se reproduz sob a forma geral da mentalidade de uma época, que se imporia de maneira igual e homogênea à sociedade, como espaço anterior à luta de classes, pois os aparelhos ideológicos de Estado não seriam a realização da Ideologia Geral e nem mesmo a realização sem conflitos da ideologia da classe dominante ¹⁰.

Portanto, seria impossível atribuir a cada classe sua ideologia, que não se torna dominante “pela graça do céu”, mas sim que os aparelhos ideológicos são os meios para que a ideologia se torne dominante ¹¹.

Os aparelhos ideológicos de Estado não seriam puros instrumentos da classe dominante, já

que estes constituiriam o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção, ou seja, da revolução no sentido marxista e leninista ¹².

De acordo com Althusser, o estabelecimento dos aparelhos ideológicos de Estado não se daria por si só, muito pelo contrário, estes aparelhos seriam os espaços para luta de classes ¹³.

Ainda em Pêcheux (1997), a dominação da ideologia da classe dominante, que seria

caracterizada no nível ideológico, pelo fato de que a reprodução das relações de produção subjugaria sua transformação, corresponde menos à manutenção do idêntico de cada região ideológica considerada em si mesma do que a reprodução das relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões¹⁴. Ou seja, Althusser teria adiantado a tese de que o conjunto dos aparelhos ideológicos de um Estado capitalista poderia

⁹ *Idem, Ibidem*, p.96.

¹⁰ ALTHUSSER apud PECHEUX, Michel.

Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 144.

¹¹ PECHEUX, Michel, *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, 1997, p. 144.

¹² *Idem, Ibidem*, p.145.

¹³ ALTHUSSER apud PECHEUX, Michel.

Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 145.

¹⁴ *Idem, Ibidem*, p.146.

também ter sindicatos e partidos políticos, e que estes meios teriam a função subordinável de funcionar como reguladores e mediadores entre classes sociais adversárias.

Já o conceito de hegemonia que Gramsci (1999) defende, de acordo com seu livro *Cadernos do Cárcere*, é de que esta é o oposto da ideia de dominação. Uma fase de nova formação social e histórica não se resultaria da imposição de uma parcela da sociedade sobre a outra, e sim, de um complexo sistema de relações e de mediações, isto é, uma completa capacidade de direção.

Gramsci (1999) descreve às maneiras e aos meios por quais a filosofia existe na política, em seu movimento ou passagem da filosofia à política. O Estado não seria um mero instrumento ou controle burocrático e administrativo para regular e limitar a vida social, e sim, ético-político, um “todo integral” que simultaneamente incluiria e refletiria a cultura e o pensamento de um determinado povo.

De acordo com o autor, o Estado incluiria

a cultura e a violência, o *ethos* e os *kratos*, a filosofia e o poder, a hegemonia e a ditadura, a sociedade civil e a sociedade política. É necessário observar que o momento ou o aspecto burocrático não estariam expressos, mas seriam feitos nas esferas da sociedade civil e da hegemonia. Ao mesmo tempo em que, se a filosofia tiver sido transformada na política e assim acontecer na realidade do Estado, é porque a política foi capaz, na força e vontade, de se mover do particular para o universal, ou seja, um grupo social é dirigente e hegemônico quando este transforma os seus interesses particulares em interesses gerais ¹⁵.

Ainda em Gramsci (1979), em seu livro *Os intelectuais e a organização da Cultura*, o autor

crítica a concepção de que os intelectuais ficariam responsáveis, como uma espécie de comissários do grupo dominante, pelo exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, estando esta ideia ligada a preconceitos de casta ¹⁶, na qual os intelectuais ficariam responsáveis para a criação do consenso espontâneo nas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental no poder e na coerção estatal.

¹⁵ *Idem, Quaderni del carcere*, 1975, p. 917.

¹⁶ *Idem, Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 11.

A história do socialismo tem origens ainda mais distantes. Para muitos autores como Karl Marx ¹⁷ e Rosa Luxemburgo ¹⁸, o comunismo já existia bem antes do próprio capitalismo.

Segundo Karl Marx (1848), um tipo de comunismo já teria existido em sua forma primitiva antes mesmo da aparição do Estado e da sociedade de classes, onde que a sobrevivência da comunidade dependeria do trabalho coletivo e como a inviabilidade técnica impediria a produção de excedente, não havia possibilidade de existir a propriedade privada na época, evitando assim as relações de exploração.

O tipo de relação entre os seus praticantes era comum a de uma família. Esse modelo teria sido derrotado por conta das próprias condições históricas, com o aparecimento do Estado e das primeiras relações de exploração humana.

Rosa Luxemburgo (1905) afirma que na

época dos apóstolos romanos também existiu outra forma de comunismo, o próprio clero que criticava o comunismo no início do século XX, condenava na verdade, os primeiro apóstolos ¹⁹, pois estes seriam os comunistas na época do declínio do império romano, no “comunismo cristão”.

Segundo Luxemburgo, na época de Cristo, existia uma massa gigantesca de pobres, e uma minoria rica que desfrutava das boas condições e o lucro que esta desigualdade social fornecia na época, com os seus luxos.

Na Roma antiga teria surgido a religião cristã, e como não havia saída para o povo, este

teria buscado a religião como uma forma de amenizar a sua fome. Dessa maneira, a religião cresceu e se transformou logo de início, na religião dos trabalhadores romanos. Segundo a autora, o Cristianismo defendia a propriedade em comum, ou seja, o comunismo cristão. Assim, a igreja católica poderia propor a igualdade de todos os homens.

¹⁷ Karl Marx nasceu no dia 5 de maio de 1818 em Londres. Era um intelectual e é considerado o fundador da sociologia. As suas ideias influenciaram em diversas áreas como história, economia, filosofia e a política.

¹⁸ Rosa Luxemburgo nasceu no dia 5 de março de 1870 na Polônia. Participou da fundação de uma tendência que mais tarde se transformou em Partido Comunista Alemão. Rosa era contra o direito de autodeterminação das nações, colocando-a em oposição a Lênin. Luxemburgo lutava em um núcleo de esquerda chamado “Liga Spartakus” e morreu por lutar pelos seus ideais no dia 15 de janeiro de 1919. ¹⁹ LUXEMBURGO, Rosa, *Socialismo e as Igrejas*, 1905, p. 14.

As pessoas precisavam de meios de subsistência e morriam de fome. Como o Cristianismo defendia o povo e para que os ricos dividissem as suas riquezas com os pobres, essa religião obteve muita aceitação.

Ainda em Luxemburgo (1905), nota-se que os trabalhadores romanos não viviam do trabalho, apenas viviam da esmola que o despótico fornecia. As exigências dos cristãos sobre a coletivização da propriedade não diziam respeito aos meios de produção, mas aos bens de consumo ²⁰. As casas, roupas, alimentos, os instrumentos de trabalho e tudo mais aquilo que se precisa para a vida não eram propriedade coletiva.

O Cristianismo teria acreditado que podia remediar a miséria dos trabalhadores por meio das riquezas fornecidas por quem as possuía, porém, era incapaz de melhorar a situação econômica da sociedade, não havendo como funcionar também essa proposta de comunismo.

Marx analisou o desenvolvimento histórico do socialismo e atualizou a dialética de Hegel, que foi a primeira a defender que a verdade se constituía em um todo da realidade, passando a defender então a fluidificação dos conceitos, pois a realidade estaria sempre adquirindo novas formas.

Assim, surgiu o materialismo dialético, que propõe que as leis do pensamento correspondam às leis da realidade. De acordo com Marx, os problemas do mundo não estariam mais centrados nos indivíduos e sim, na “luta de classes” em uma sociedade - então dividida pelas duas, a burguesia e o proletariado (MARX, 1872).

Friedrich Engels, que era de uma família de industriais, se aproximou de Marx quando era estudante de direito e foi coautor de diversas obras, inclusive lhe fornecendo ajudas financeiras para publicação. Escreveu ao lado de Marx, o “Manifesto Comunista”²¹, “A sagrada Família”, “Ideologia Alemã”, além de diversas edições póstumas, em livros II e III - do Capital. Engels também escreveu livros clássicos como “Dialética da Natureza”, “Anti-Dhuring”, “Ludwig Feuerbach, e o fim da filosofia alemã”, além de outras obras relacionadas ao próprio desenvolvimento do marxismo.

²⁰ *Idem, Ibidem*, p.17.

²¹ O *Manifesto do Partido Comunista* é um dos livros mais conhecidos no mundo. Foi publicado em 21 de fevereiro de 1848 por Karl Marx e Friedrich Engels para a liga dos comunistas e traçou o perfil político do movimento. O livro faz críticas severas ao modo de produção da sociedade e na forma como a sociedade se estruturou. É um organizador do operário como operador social capaz de reverter a sua situação. O livro ainda define os princípios e o objetivo do comunismo.

Nota-se que nesta época o debate acerca do socialismo era constante, apesar das imposições do sistema contra o modelo de pensamento que já existia desde o comunismo primitivo ou cristão, porém, era preciso agora se organizar politicamente, a fim de aplicar na prática essa proposta. Marx dizia que os filósofos se limitaram até os dias de hoje a interpretar o mundo de diversas maneiras. A questão, porém, seria transformá-lo (Marx, 1845) ²².

No Manifesto Comunista, Karl Marx afirma que a história de todas as sociedades que existiram até a nossa época é a história da luta de classes. Homens livres e escravos, nobres e plebeus, opressores e oprimidos se enfrentaram sempre e mantiveram uma luta constante (Marx, 1872) ²³. Ou seja, as batalhas políticas que se seguem na história das civilizações são em decorrência dos conflitos sociais os quais acontecem em razão dos interesses conflitantes por duas classes opostas uma ao outra. As elites, na sociedade capitalista, determinam os meios de produção, ou meios de trabalho, que são:

- os instrumentos de produção: máquinas e ferramentas, instalações, edifícios e silos, etc;
- as fontes de energia usadas: elétrica, nuclear, eólica, etc;
- os meios de transporte, e os objetos de trabalho, que são os elementos nos quais o trabalho humano utiliza, como matérias-primas, minerais, vegetais e animais, o solo, etc;
- e há os que estão hierarquicamente abaixo das elites, trabalhando nesses meios de produção, o proletariado. Essa luta de classes aconteceria em todos os países do mundo;

A primeira concepção de socialismo debatida por Marx, juntamente com Friedrich Engels, é o do chamado “socialismo reacionário”, mais conhecido como o socialismo feudal, no qual, a aristocracia francesa e inglesa escrevia contra a burguesia após a Revolução Francesa, de julho de 1830. Como a nobreza já havia sido derrotada politicamente, praticavam então apenas uma luta intelectual.

O socialismo “pequeno burguês” também pregava a volta de uma pequena classe de antes da Revolução Francesa ao poder, como os pequenos agricultores e os que eram

²² MARX, Karl, Teses sobre Feuerbach, 1845, p. 3.

²³ MARX, Karl, Manifesto do Partido Comunista, 1872, p. 4.

contra as cidades medievais. Nos países poucos desenvolvidos que ainda possuem o capitalismo atrasado, esta categoria de “classe” continua consumindo as sobras do regime anterior, distante da burguesia no auge, como por exemplo, em armazéns, nas birosacas, etc. Sismondi seria o seu principal representante teórico (Marx, 1872) ²⁴.

O socialismo “conservador burguês” seria uma espécie de “pregação” por parte da classe dominante burguesa, a qual busca amenizar os problemas sociais, com o único objetivo de se manter poderosa. Os seus representantes seriam os economistas, filantropos, humanistas, os protetores de animais, etc, que querem manter o capitalismo sem que haja problemas maiores, como revoluções (Marx, 1872) ²⁵.

Esse socialismo pode ser observado no vertiginoso crescimento das Ongs por conta do neoliberalismo em países como a América Latina, por onde o Estado Liberal Burguês supre suas deficiências através dessas organizações.

O socialismo utópico, formulado por Saint

Simon, defendia que era preciso reformar a sociedade a partir da boa vontade de todas as pessoas. Os ideais desse tipo de socialismo já existiam desde o século XVI, através de autores como *Thomas More* e *Tommaso Campanella*, que imaginavam uma sociedade de iguais.

Apesar de a Revolução Francesa ter consagrado a expressão “liberdade, igualdade e fraternidade”, sabia-se que igualdade não existia numa sociedade muito dividida entre ricos e pobres. A liberdade que existia, no entanto, era a de mercado, com o burguês livre para explorar o trabalhador ²⁶.

Devido às condições econômicas de um capitalismo que vinha se desenvolvendo desde a Revolução Industrial, chegou-se à conclusão de que a livre concorrência desencadeou uma ordem injusta e imoral. Segundo Marx, o socialismo utópico defendia os trabalhadores derrotados politicamente logo após o fim do feudalismo no mundo (MARX, 1872).

Portanto, este modelo foi derrotado por conta de se expor os princípios desse tipo de socialismo sem, no entanto, demonstrar quais eram os meios para se atingir a sociedade ideal.

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 21.

²⁵ *Idem, Ibidem*, p. 24.

²⁶ Comunismo. <http://www.comunismo.com.br/utopico.html>, 17/06/2006.

De acordo com Karl Marx (1848), é possível que muitos desses movimentos concordassem, de fato, com algumas propostas do socialismo defendendo, por exemplo: o fim das diferenças entre a cidade e o campo, o fim da concepção da família burguesa, do lucro, do trabalho assalariado ²⁷, a proclamação do socialismo, a planificação social, porém estes movimentos apenas teriam se transformado em utopias, já que apenas a pregação das ideias, sem nenhuma luta política, não daria certo, virando seitas, e retardando assim o desenvolvimento da luta de classes.

Karl Marx e Friedrich Engels tiveram a iniciativa de continuar desenvolvendo o termo do socialismo, inserindo no mesmo, uma série de alterações que visavam aperfeiçoar a sua viabilidade prática. Mais tarde ficou conhecido como marxismo ou socialismo científico. Este prevê o desenvolvimento do proletariado no mundo, de maneira que seria possível no futuro realizar a revolução proletária e internacionalizá-la, pois já seria hora dos comunistas exporem, à face do mundo inteiro, as suas concepções, os seus

fins e as suas aspirações (Marx, 1872) ²⁸.

Na década de 1860, com o avanço do capitalismo no mundo e com o crescimento da classe do proletariado ²⁹ urbano, lideranças sindicais e ativistas sociais da época pensaram em fundar uma organização que unisse os sentimentos dos trabalhadores e das classes oprimidas ³⁰.

A Associação Internacional dos Trabalhadores é criada então em 1864, em Genebra, como uma necessidade de organização dos trabalhadores sindicalistas que queriam reivindicar melhores condições de trabalho, pois a cada greve que acontecia, os patrões ameaçavam importar mais mão de obra, enfraquecendo os sindicalistas. Portanto, seria preciso existir uma instituição que unisse trabalhadores de diversos países para coordenarem os seus movimentos sindicais.

²⁷ Segundo Karl Marx, os operários não são pagos, e sim, optam por vender seus serviços a um empregador.

²⁸ MARX, Karl, Manifesto do Partido Comunista, 1872, p. 4.

²⁹ De acordo com o Aurélio, é a classe dos proletários, que são as pessoas que trabalham em ofícios ou em produção manual ou mecânica, em troca do salário, e dele vive.

³⁰ Karl Marx definiu essa forma de opressão como a mais-valia, que seria a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador. Assim sendo esta a base da exploração no sistema capitalista.

A AIT é mais conhecida com a Primeira Internacional e dela faziam parte, sindicalistas ingleses, proudhonistas ³¹ franceses, republicanos italianos e marxistas alemães. A Internacional foi representada por Karl Marx. Uma das principais reivindicações da I Internacional era a redução da jornada de trabalho para oito horas.

Karl Marx tentou fazer com que a Comuna de Paris fosse considerada uma herança política da Associação Internacional dos Trabalhadores. A Comuna foi instituída pelos operários em 1871, mas durou apenas dois dias. Entre umas de suas medidas após a revolta popular estava a "abolição do sistema da escravidão do salário de uma vez por todas". Essa iniciativa assustou os governos de toda a Europa por conta da possibilidade de novas insurreições em outros países.

A Primeira Internacional ainda foi alvo de disputas ideológicas entre seus membros: De um lado, os marxistas, liderados por Karl Marx, e do outro, Bakunin ³², o principal representante do Anarquismo. Este último levou a um racha, em que os países latinos se aliaram aos anarquistas e os anglo-saxões aos marxistas.

Karl Marx ainda tentou mudar a sede da Internacional para Nova Iorque, por ser longe da Europa, entretanto, por conta de diversos problemas de organização, a Associação Internacional dos Trabalhadores deixa de existir em 1876, na Filadélfia.

Os anarquistas acreditavam no Socialismo libertário. Para eles, o sistema capitalista e o Estado mantêm a desigualdade social através da força, ao garantir para poucos a propriedade sobre os meios de subsistência de todos.

O sistema socialista dos anarquistas lutava para que a posse dos meios de produção fosse garantida a todos aos que trabalhassem. Neste sistema, não haveria necessidade de nenhuma autoridade ou de governo, visto que também não haveria necessidade de impor privilégios de uma classe sobre outra. A sociedade seria gerida por associações democráticas, formadas por todos, e dividindo-se livremente, com entrada e saída livre, em cooperativas e estas, em federações.

³¹ Proudhon foi um anarquista francês e uma grande referência para o Anarquismo. Era um dos principais críticos a Karl Marx, publicou a obra *Filosofia da Miséria*, em 1846.

³² Bakunin nasceu na Rússia em 30 de maio de antigo calendário russo, o calendário juliano, é conhecido como o principal representante do anarquismo e foi um dos fundadores da Primeira Internacional, ao lado de Karl Marx. Em 1872, Marx e Bakunin acabaram se desentendendo e Bakunin é expulso após um congresso.

No Brasil, entre fins do século XIX e início de XX, o movimento anarquista se fortaleceu com a grande chegada de imigrantes trabalhadores europeus. Em 1889, *Giovani Ross*³³, um anarquista, tentou fundar em Palmeira, no Paraná, uma comunidade baseada em ideias anarquistas como o trabalho, a vida, o não reconhecimento civil e religioso do matrimônio, entre outras.

Em 1889, em Paris, foi criada a II Internacional, com correntes operárias e sociais democratas, dessa vez, com uma maior influência do marxismo. Uma de suas principais bandeiras era a luta contra a guerra. Durante a Primeira Grande Guerra, em 1914, as divergências dividem o movimento.

De acordo com o livro *Socialismo e as igrejas*, a social democracia seria representada pelos partidos socialistas da II Internacional. Segundo Luxemburgo (1905), após a traição das direções da social democracia, ao apoiarem a burguesia na política de guerra imperialista, o termo social-democrata teria sido identificado com os partidos oportunistas e reformistas “sem reformas”, ou seja, seriam os partidos operários

com verniz de socialista que usariam a classe operária unicamente para os seus interesses ³⁴.

Na década de 1950, em oposição ao totalitarismo na URSS, a social democracia teria dado mais um esforço para resgatar o exemplo da década de 1920, a social democracia como uma representação do “socialismo democrático”.

Ainda em Luxemburgo (1905), a atual social democracia não defenderia nenhum tipo de socialismo, democrático ou não, e sim a propriedade privada e a política do imperialismo mundial em países capitalistas atrasados, através da superexploração e da guerra. O principal representante da social democracia foi Karl Kautsky ³⁵.

A expressão do socialismo também foi muito utilizada por Vladimir Lênin ³⁶ na política durante a revolução socialista de outubro, em 1917, na qual se implantou o socialismo como sistema de governo político na Rússia.

³³ Encantado com as ideias do anarquista italiano, D. Pedro II cedeu-lhe terras no Brasil para o anarquista Giovanni Ross implantar suas ideias arrojadas.

³⁴ LUXEMBURGO, Rosa, *Socialismo e as Igrejas*, 1905, p. 10.

³⁵ Karl Kautsky nasceu em Praga em 18 de outubro de 1854. Kautsky foi um dos grandes históricos do marxismo e um dos fundadores da social democracia.

³⁶ *Vladimir Ilyich Ulyanov* nasceu no dia 10 de Abril de 1870, e foi o principal responsável pela Revolução Russa de 1917. Lênin foi um revolucionário, teórico e o fundador da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, em 1922.

Em 1919, após a revolução russa, foi criada a III Internacional Comunista, mais conhecida como “Komintern”, na qual visava criar a URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, além de incentivar a criação de partidos comunistas em todas as partes do mundo, como o PCI (Partido Comunista Italiano), o PCP (Partido Comunista Português), o PCB (Partido Comunista do Brasil – atual Partido Comunista Brasileiro), entre outros, como seções internacionais nesses países.

A URSS influenciou diversas culturas em todos os continentes do mundo, ajudou com dinheiro, cursos, armas e assessoria aos movimentos dedicados a revoluções na África ³⁷ e América Latina ³⁸, libertou grande parte da Europa dos nazi-fascistas, inclusive o povo da Alemanha nazista na década de 1940, esta última com grande influência do governo de Josef Stalin.

Stalin foi secretário geral da URSS após a morte de Lênin, em 1922, e só saiu em 1953, após a sua morte aos 73 anos. É considerado por muitos opositores do comunismo e também por uma considerável parcela do movimento comunista mundial como um dos maiores ditadores da

história da humanidade, ao lado de Benito Mussolini e Adolf Hitler

³⁹. O dirigente soviético foi acusado de ter matado cerca de 10 milhões de pessoas.

Há também uma vertente comunista que ainda defende um ponto de vista diferente, de que apesar de todos os problemas que a União Soviética teve enquanto este governou o país, Stalin soube administrá-los de maneira que não afetasse a condução do socialismo. As organizações mais conhecidas defensoras dessa lógica são: o Partido Comunista da Bélgica, o Movimento de Solidariedade ao Povo Soviético - do Canadá, entre outros movimentos políticos internacionalistas.

Na década de 1940, estabeleceu-se no mundo uma política bipolar. Segundo a Super Enciclopédia Seleções, os Estados Unidos e a União Soviética emergiram da

³⁷ GRUNWALD, Konstantin, Pequena história das grandes nações, 1978, p. 119.

³⁸ O exemplo mais conhecido é o socialismo de Cuba.

³⁹ *Leon Trotsky foi um dos maiores opositores a Stalin após a morte de Lênin. Ele foi responsável pela formação do Exército Vermelho. A principal divergência entre Trotsky e Stalin é o fato que o primeiro desejava uma revolução permanente e que continuasse se expandindo aos outros países do mundo. Enquanto que Stalin defendeu a tese de um Socialismo em um só país. Trotsky rompeu com a III Internacional e fundou a IV Internacional. Ele foi encontrado assassinato no dia 21 de agosto de 1940, no México.

*Krushev, por ocasião da morte do Stalin, denunciou os chamados “Crimes do Stalin”, no qual incluía assassinatos, expurgos, campos de concentração entre outros. Ele foi afastado do poder da União Soviética anos depois por acusações de revisionismo, o que significa a “reformulação dos termos marxistas”.

Segunda Grande Guerra como superpotências. Suas ideologias opostas direcionaram a política internacional durante 45 anos. Com a ameaça dos dois lados de uma guerra nuclear, porém descartada por conta dos riscos.

Essa época foi conhecida como Guerra Fria, a qual foi caracterizada por posicionamentos políticos, espionagem e guerras por procuração travadas em outros territórios. *Winston Churchill* usou o termo *Cortina de Ferro* pela primeira vez, em 1946, para se referir à diferença entre EUA e URSS.

A imprensa dos países desenvolvidos capitalistas investiu em propaganda difusora de sua ideologia. Segundo Nilson Lage, na União Soviética e na China, os jornais favoráveis ao governo dos socialistas passavam de cerca de dez milhões de exemplares diários. Na Inglaterra e França, os números ultrapassavam seis milhões de exemplares. A imprensa brasileira vinha bem atrás por conta de ser um país com problemas sociais, que tinha apenas cerca de 60 milhões de leitores durante a década de 1960 (Lage, 1979) ⁴⁰.

Sabendo do poder que os comunistas dispunham em suas mãos com relação a sua influência na esquerda, a elite brasileira, além de diversos governos da América latina, apóiam o golpe militar para conter o avanço dos movimentos sociais em diversos países, inclusive no Brasil.

Por base no chamado *Livro Negro do comunismo. Crimes, terror e repressão*, no qual expõem problemas desse sistema econômico aplicado nos países do mundo socialista, Roberto Campos defende os aspectos positivos da ditadura militar na América Latina. Ele afirma que é sumamente melancólico - porém não irrealista - admitir-se que, no auge dos anos 60, este grande país não tinha senão duas miseráveis opções: "anos de chumbo" ou "rios de sangue do comunismo"⁴¹.

Portanto nessa política ostensiva, combinada à nossa condição de ex-colônia, setores progressistas, mesmo não sendo socialistas, começaram a lutar também contra a ditadura militar no Brasil. Pode-se então analisar que um dos maiores operadores neste sentido foi o JB – Jornal do Brasil, que inclusive abrigava em suas redações diversos comunistas, durante a ditadura militar. Esta que perduraria até meados da década de

⁴⁰ LAGE, Nilson, *Ideologia e Técnica da Notícia*, 1987, p. 19.

⁴¹ CAMPOS, Roberto. “Segundo Caderno”. In: *Jornal O Globo*. São Paulo, edição 1979, 19/04/1998, p.19.

1980, com o fim da ditadura do Figueiredo, e com a vitória da transição pactuada de poderes entre as elites brasileiras, de acordo com Antonio Carlos Mazzeo (1999) ⁴².

Ainda segundo o *Livro Negro do Comunismo. Crimes, terror e repressão*, o regime é acusado de crimes individuais, massacres pontuais e circunstanciais, que teria realizado para assegurar o Poder, o crime de massa como verdadeiro sistema de governo (*O Livro Negro do Comunismo. Crimes, terror e repressão*, diversos autores, editora Bertrand Brasil, 1999).

Todavia, a URSS foi responsável por um dos maiores projetos sociais da história, como a eliminação do analfabetismo. Segundo *Konstantin GrunWald*, em 1978, na URSS não existia mais analfabetismo. Pelo menos toda a população adulta tinha ao menos a instrução primária. Todas as crianças eram obrigadas a freqüentar a escola e aproximadamente setenta por cento dos estudantes tinham uma bolsa de estudos.

Na década de 1970, a taxa soviética de crescimento anual chegava a 10,9 % ao ano, a URSS ocupava o segundo lugar na produção

industrial e o primeiro lugar da Europa (GRUNWALD, Konstantin, Pequena história das grandes nações, pg. 122, 1978).

A URSS enviou o primeiro satélite ao espaço, o Sputnik, e também o primeiro ser vivo ao espaço, a cadela Laika. Anos depois, o primeiro homem, o metalúrgico Yuri Gagarin. E hoje, no Afeganistão, a Rússia envia o primeiro astronauta brasileiro, Marcos Pontes, ao espaço, com a tecnologia criada na época do socialismo. A própria base de lançamento foi batizada de Yuri Gagarin, em homenagem ao soviético.

A bipolaridade entre os EUA e URSS trouxe muitos gastos para os dois lados. Na década de 1980, a economia soviética está estagnada e começa-se a discutir a possibilidade de uma aproximação maior com o Ocidente capitalista. Em 1985, Mikhail Gorbachev ⁴³ se tornou líder da URSS. Ele tentou modernizar o socialismo soviético sob as bandeiras da Perestroika ⁴⁴ e da Glasnost ⁴⁵.

⁴² MAZZEO, Antonio Carlos, Sinfonia Inacabada, 1999, p. 168.

⁴³ Mikhail Gorbachev foi o último secretário geral da URSS. Foi responsável pelo conjunto de reformas que levaram ao fim do país, em 1991.

⁴⁴ Perestroika significava a reestruturação. Estava ligada à flexibilização da economia soviética a fim de buscar novos mercados investidores na URSS e de trazer crescimento ao país.

⁴⁵ A Glasnost era uma mudança na política interna e externa na URSS. Algumas de suas principais medidas foram: o acordo com os EUA na redução dos gastos militares para a modernização tecnológica em ambos os países; alinhar a política soviética mais a Europa Ocidental; o abandono da perspectiva “Anti- Imperialista”, que levou a rever o apoio político e financeiro antes oferecido aos movimentos ditos “anti- imperialistas” em todo o mundo.

Segundo Luiz Fernandes, em seu livro *URSS - Ascensão e Queda*, devido pressões inflacionárias, principalmente por falta crônica de bens de consumo, o agravamento do desemprego, do endividamento soviético, que aconteceu pelo não pagamento dos países devedores como a Polônia, a Hungria e o Brasil, além da pressão do crescente do capitalismo sobre a URSS, foram fatores determinantes para que os Estados Soviéticos começassem a abandonar à União (FERNANDES, Luiz, URSS – Ascensão e Queda, 1991).

A pressão vinda do leste capitalista, assim como as próprias pressões da URSS por reformas acabaram por derrubar um dos maiores símbolos de divisão entre duas ideologias no mundo, o Muro de Berlim, em 1989.

Em agosto de 1991, ocorre uma tentativa de golpe, liderada pela KGB e por membros do governo soviético, que estariam insatisfeitos com os rumos políticos da Perestroika na URSS e seqüestram Gorbachev em sua casa de campo na Criméia. O golpe é reprimido dias depois com a prisão de seus articuladores.

Em dezembro, a União Soviética deixa oficialmente de existir, dando lugar a CEI – Comunidade dos Estados Independentes, com a inclusão da Rússia ⁴⁶ e o socialismo foi esquecido por grande parte da esquerda mundial.

No cenário internacional, seria visível a confusão das esquerdas por parte da escola política que a União Soviética representava para os socialistas. É propagada hoje, a alternativa da terceira via, que denota o fim do Estado e a ascensão das Ongs.

Para Zygmunt Bauman, essa ausência de um mundo não mais bipolarizado, mas sim globalizado, é chamada de “nova desordem mundial”. Para ele, antes do colapso do bloco comunista, a natureza contingente errática e volúvel do estado das coisas global não era tão inexistente, mas retirada do foco de reprodução diária do equilíbrio entre as potências mundiais, que consumia as energias e pensamento (BAUMAN, Zygmunt, *Globalização: As conseqüências humanas*, pg, 65, 1999).

⁴⁶ De acordo com a Super Enciclopédia Ilustrada Seleções, da *Reader's Digest*, desde o colapso do império soviético, a Rússia tem sido associada por crimes violentos, corrupção e por problemas econômicos. A perda de poder e do prestígio que possuía ocorreu durante a década de 1990, por conta do enfraquecimento econômico e que ainda sofrerá muito pelos traumas do passado. Em 2000, Vladimir Putin é eleito com a proposta de reconstruir o Estado capitalista da Rússia.

O mundo não pareceria mais uma totalidade e sim, um campo de forças dispersas, díspares e foras de controle. A Globalização é a ausência de um centro, de um painel de controle já que ninguém mais parece estar no controle.

Ainda em Bauman, os conceitos de “Civilização”, “desenvolvimento”, “convergência”, “consenso”, entre outros termos do pensamento moderno inicial e clássico, e a ideia de “universalização” transmitiam a esperança, a intenção e a determinação, de se produzir a ordem – a produção da ordem numa escala universal e verdadeiramente global.

Nada de como foi formulado anteriormente teria restado no significado da globalização. Os *efeitos globais* não pretendidos e imprevistos passariam a ocupar o lugar das iniciativas e empreendimentos globais. Assim, a globalização não diria respeito a que todos nós, talentosos e empreendedores, desejamos fazer e sim, ao que está acontecendo a todos.

1.2 – A Evolução da Imprensa e sua relação com o capitalismo

A evolução da Imprensa do Brasil está diretamente relacionada ao advento da Corte de D. João, que fez com que parte da imprensa brasileira surgisse com a proteção oficial do reino. O jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* é fundado no dia 10 de setembro de 1808, defendendo a corte de Portugal.

A história do jornalismo brasileiro também é marcada por lutas, Hipólito José da Costa funda o jornal *Correio Braziliense* em junho do mesmo ano, ou seja, três meses antes da fundação do *Gazeta do Rio de Janeiro*. O jornal publicado em Londres pregava a libertação do Brasil de Portugal e entrava escondido nos porões dos navios que transportavam mercadorias e escravos (SODRÉ, 1999).

Até 1999, a data de fundação da imprensa brasileira era comemorada no dia 10 setembro, em referência ao *Gazeta do Rio de Janeiro*. Hoje, a comemoração acontece no dia primeiro de junho, dia da fundação do *Correio Braziliense*.

Porém, para se analisar a imprensa brasileira, é preciso compreender o início da

formação da imprensa no mundo, e que sua expansão está diretamente relacionada com o desenvolvimento do capitalismo.

Segundo João Batista Natali (2004), o jornalismo impresso, assim como o jornalismo internacional, que nos primórdios do jornalismo seria o único tipo de jornalismo, não nasceu com o capitalismo. O mercantilismo teria precisado do jornalismo, quando ocorreu o florescimento rápido das folhas de notícias impressas que eram vendidas a quem quisesse comprar, e não mais dentro de um mesmo conglomerado comercial e financeiro de clientes preferenciais, e sim, para um grupo indistinto de pessoas mais tarde chamadas de agentes econômicos ⁴⁷.

Sabe-se que o jornal impresso foi uma das primeiras publicações do mundo, assim como a Bíblia. A imprensa já teria existido desde o século I, através do exemplo do *Acta Diurna* dos romanos, que trazia diversos assuntos, como obituários, notícias do governo e crônicas esportivas (SODRÉ, 1999).

Lage (1987) diz que a imprensa, como um todo ou em grande parte, foi o resultado das apropriações e desenvolvimentos de recursos técnicos criados por outras

⁴⁷ NATALI, João Batista, *Jornalismo Internacional*, 2004, p. 22.

culturas ⁴⁸, ou seja, a imprensa já existiria como possibilidade material muito antes da exigência social que a fez brotar.

A primeira publicação em papel teria sido inventada na China, o ‘Notícias Diversas’, que foi formado em 713 D. C, em Pequim. Em 1041, lá foi inventado também o tipo móvel, porém a iniciativa não conseguiu se espalhar pelo mundo, pois o alfabeto chinês seria muito mais complexo que o latino. (SODRÉ, 1999).

O papel já era conhecido e usado nos países orientais, Pi Cheng já utilizava caracteres tipográficos móveis de cerâmica entre 1040 e 1050, depois, passaram a fazer o mesmo no Turquestão até 1280. Os primeiros jornais foram publicados na Alemanha, seriam os *Avvisi*, que eram folhas manuscritas a favor dos ricos da época, assim como as *Zeitungen*, nos séculos XIII e XIV (SODRÉ, 1999). Portanto, a afirmação de que a imprensa não existia antes de Gutenberg é contestável.

Segundo Sodré, todas as invenções, como a de Gutenberg, resultaram de uma necessidade social, que o desenvolvimento histórico gerou e

que estava vinculado à ascensão da burguesia em seu sentido mercantilista (SODRÉ, Nelson, História da Imprensa no Brasil, pg. 2, 1999).

A imprensa do século XV possuía apenas interesse a elementos de classes e camadas numericamente reduzidas, o desenvolvimento da imprensa teria sido rapidamente desenvolvido, porém, facilmente controlado pelas autoridades do governo.

No entanto, poderosas forças econômicas empenharam-se em debilitar esse controle, eram as forças do capitalismo em ascensão: o princípio de liberdade de imprensa, que foi antecipado na Inglaterra e que seria encontrado, então, tanto na Revolução Francesa quanto no pensamento de Jefferson nos EUA, que correspondia aos anseios da Revolução Americana (SODRÉ, 1999).

A ascendente burguesia da época precisava expandir seus domínios pela Europa, a fim de derrubar o feudalismo e instaurar o capitalismo no mundo. Necessitava de heróis que personificassem os ideais da sociedade moderna que nascia, sendo Gutenberg, um bom exemplo do burguês empreendedor.

Ainda em Lage (1987), o mais antigo predecessor do jornalista moderno surgiu na Itália do século de Petrarca, os burgos da Costa Ocidental, enriquecidos pelo comércio

⁴⁸ LAGE, Nilson, *Ideologia e Técnica da Notícia*, 1987, p. 9.

com os navegadores árabes, desenvolveram uma forma nova de vida, baseada na concentração urbana ⁴⁹.

A leitura e a escrita passaram, portanto, a ser ferramenta de muitos para se poder atuar em uma civilização que crescia seguindo os passos do mercantilismo, na expansão do comércio das indústrias pelo mundo.

Ainda em Natali (2004), em seu livro *Jornalismo Internacional*, é fundada na França, em 1835, por Charles Havas, a primeira agência de notícias - a atual AFP. A agência servia para a tradução de informações publicadas por outros jornais europeus e para uso dos jornais franceses. Depois esta teria passado a captar as informações com equipes próprias para reportagem ⁵⁰.

Em 1851, o alemão Paul Julius Reuter, que era funcionário da AFP, centralizou em Londres, para uso da imprensa econômica, informações na Europa continental. Tempos depois, passou a captar informações dos Estados Unidos para uso dos assinantes europeus. E assim, nascia a Reuters (NATALI, 2004).

A agência foi a primeira a noticiar o assassinato do presidente Abraham Lincoln. A notícia vinha por malote e através do navio. Como a situação em Washington estava intensa, a agência interceptou a notícia quando o barco do correio ainda estava no litoral da Irlanda, de onde a notícia teria sido transmitida a Londres por telégrafo, o que se constituiu em um grande furo (NATALI, 2004).

Em 1848, nos Estados Unidos, seis jornais de Nova York haviam feito um *pool* para cobertura de eventos como o da guerra dos EUA e México, que resultou na anexação de várias regiões como a Califórnia, Nevada, Arizona, entre outros aos EUA. Segundo Batista Natali (2004), esse *pool* teria se chamado Associated Press, ou AP, que funciona até os dias de hoje ⁵¹.

No século XX, a mídia impressa se globaliza e entra na era das grandes corporações. Na era do grande capital, os trabalhadores assalariados jornalistas teriam de sofrer calados muitas vezes para seguir toda a orientação da linha editorial que o veículo adota. Mais claramente, podemos dizer que a mídia impressa em geral opera em função dos anunciantes e dos seus interesses políticos e econômicos.

⁴⁹ *Idem, Ibidem*, p. 10.

⁵⁰ NATALI, João Batista, *Jornalismo Internacional*, 2004, p. 30.

⁵¹ *Idem, Ibidem*, p. 31.

Estas empresas, que por serem sociedades anônimas ou limitadas, possuem donos com opinião política e as difundem, já que as decisões aplicadas pelo governo e outras instituições poderiam afetar os seus poderes de influência sobre a opinião pública.

O caráter de formação do Estado capitalista brasileiro teria se dado de uma forma pactuada entre as elites brasileiras ⁵². Esta situação teria influenciado a formação da imprensa brasileira, que constituída pelas mesmas elites, surge com uma orientação vinculada à dependência do capital estrangeiro.

A situação é, por exemplo, muito diferente do que aconteceu na Inglaterra e na França, onde que os movimentos sociais participaram mais ativamente das decisões nacionais. No entanto, as elites brasileiras continuaram ocupando os seus mesmos lugares na sociedade, através da transição reformada para o capitalismo, chamada por Mazzeo de via prussiana de desenvolvimento do capitalismo. O Brasil seria um caso comum de formação de extração colonial, ou seja, a via brasileira de desenvolvimento seria a via

prussiano-colonial ⁵³.

A maneira como isso se apresenta está vinculada ao período extenso que tivemos como colônia de Portugal, e a sua tradição exploradora vinculada à transição moderada à condição de Reino Unido, quando a imprensa chegou ao Brasil junto com a corte de D. João.

Portanto, a sociedade civil brasileira nunca teria participado ativamente dos acontecimentos transformadores no país que resultaram na imprensa de hoje, tendo assumido então uma posição política passiva.

⁵² De acordo com Mazzeo, a nobreza aburguesa-se e acaba reforçando o processo de concentração de capitais e, concomitantemente, constrói um aparelho estatal de acordo com seus interesses e projetos. O autor diz também que diferentemente do ocorrido na via clássica, não há uma ruptura revolucionária com as antigas classes de dominantes, percebe-se que o novo, representado pelo capitalismo, “paga um pesado tributo ao velho”.

⁵³ MAZZEO, Antonio, *Sinfonia Inacabada*, 1999, p. 167.

1.3 – A História do JB

O Jornal do Brasil (JB) foi fundado por Rodolfo Epifânio de Souza Dantas, com a colaboração de José Veríssimo, Ulisses Viana e outros, em 1891. Surgiu trazendo inovações, como o primeiro veículo jornalístico a inovar por sua estrutura empresarial, através de um grande parque gráfico, que substituiu a distribuição em carroças e passou a contar com uma grande quantidade de correspondentes estrangeiros.

O JB nasce conservador, defendendo a Monarquia, porém, aos poucos, ganha uma aura progressista. Segundo Néelson Sodré, o propósito inicial do jornal era ser formador de opinião, pesar, influir, embora o veículo esclarecesse que “o jornal não era político”⁵⁴ (SODRÉ, 1999).

Sodré (1999) diz que o Jornal do Brasil apresentou-se, inicialmente, em oito páginas e no formato de 120 por 51 centímetros, impressa a página. Cada exemplar do jornal custava quarenta réis no século XIX.

O JB passa a ocupar uma posição de destaque na imprensa brasileira ainda quando fazia uma oposição formal à república. João Nabuco, que era chefe da redação na década de 1890, combateu os adesistas ao novo regime e publicou uma série de artigos que criticava o novo governo de Deodoro, como *Ilusões republicanas*, e *Outras Ilusões republicanas*, que despertaram muitos debates (SODRÉ, 1999).

O jornal teria sido ameaçado como empresa por ser na época contra a república, mas continuou crescendo. Ainda em setembro de 1890, chegam máquinas para as oficinas e o Jornal do Brasil passa também a imprimir o jornal francês *L'Étoile du Sud* e o italiano, *Il Brasile* (SODRÉ, 1999).

Em 1892, o JB passa por problemas internos: Villeneuve desejava a defesa direta da monarquia, enquanto que Ulisses Viana, que se opunha a essa posição política deixa a folha, tendo sido substituído por Constâncio Alves.

Em 10 de abril ocorre um motim na capital e no dia seguinte o governo passa a dominá-lo e prende diversos militares, jornalistas, intelectuais e políticos. O JB passa a

⁵⁴ SODRÉ, Néilson, *História da Imprensa no Brasil*, 1999, p. 257.

ser uma sociedade anônima e Ulisses Viana volta à direção, em que entre os seus sócios encontravam titulares do império, como os condes de Figueiredo, os Viscondes de São Francisco, entre outros ⁵⁵ (SODRÉ, 1999).

O jornal teria começado a mudar, se proclama apartidário e combate a ideia de intensificação do capital, além de começar a chamar atenção para a questão social no país.

No final do século XIX, a imprensa artesanal brasileira foi substituída pela imprensa industrial e se aproximava cada vez mais dos padrões da sociedade burguesa de outros países.

Segundo Sodré (1999), o Jornal do Brasil instalou oficinas de fotografia e de galvanoplastia. Publicava desenhos de Julião Machado, Artur Lucas, o Bambino, e Raul Pederneiras, o segundo como ilustrador de histórias de quadrinhos ⁵⁶.

A passagem do século assinala no Brasil a transição da pequena à grande imprensa. Esta passagem está diretamente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e nele à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas. A transformação na imprensa seria

um dos aspectos desse avanço: o jornal como empreendimento individual, como aventura isolada desaparece nas grandes cidades. Seria relegado ao interior, onde sobreviveria como tal até os nossos dias. Uma das conseqüências dessa transição seria a redução no número de periódicos ⁵⁷(SODRÉ, 1999).

No século XX, o Jornal do Brasil inova com algumas inclinações de caráter progressista, como sendo o primeiro veículo a dar espaço à opinião do leitor, e também por permitir que muitos militantes socialistas e comunistas trabalhassem em suas redações.

Com o crescimento da imprensa brasileira, em 1922, o veículo começaria a receber o serviço da *United Press*, aumentando a importância do veículo nas editorias internacionais ⁵⁸.

⁵⁵ *Idem, Ibidem*, p. 261.

⁵⁶ *Idem, Ibidem*, p. 273.

⁵⁷ *Idem, Ibidem*, p. 275.

⁵⁸ *Idem, Ibidem*, p. 364

Antes do golpe militar, o JB publica uma matéria de um operário soviético como o primeiro homem a ir ao espaço, Yuri Gagarin, em 1961, em plena Guerra fria entre a URSS e os EUA. Segundo o sítio *JB online*, em 1963, após o assassinato do presidente John Kennedy, o jornal teve uma edição que precisava sair às pressas das máquinas, tendo passado, nesta ocasião, a adotar nomenclatura “JB”.

Após o golpe de 1964, parte da elite brasileira era contra o novo regime e o JB seria também um dos porta-vozes dessas elites. O veículo denunciava as irregularidades do governo dos militares.

O que fica evidente na matéria do JB, do dia 31 de março de 1964, logo após do golpe que diz que o presidente da república se sentia bem na ilegalidade, pois ele teria dito que estava nela e que ia continuar nela, em atitude de desafio à ordem constitucional, aos regulamentos militares e ao Código Penal Militar. Segundo o Jornal do Brasil, o presidente que assumiu após o golpe de 1964 se consideraria acima da lei, porém não estava, “pois quanto mais se afundava na ilegalidade, menos

forte ficaria a sua autoridade perante a população”.

Ainda no *JB online*, no período do AI-5, o veículo publica a lista de presos políticos que o Brasil trocaria pelo embaixador da Alemanha, seqüestrado no Rio de Janeiro. O diretor do jornal, Manoel Francisco do Nascimento Brito, foi chamado à Polícia Federal, porém não a informou sobre a origem da denúncia. Tempos depois, o diretor daria o nome ao Ministério da Justiça.

O jornal passa a ter o maior parque gráfico da imprensa brasileira, em 1971, concorrendo entre o *Jornal do Comércio* e o *Correio da Manhã*, este último de maior aceitação popular por conta do preço.

O Jornal do Brasil teria se afirmado num caminho mais progressista durante a ditadura militar, publicou a queda do presidente socialista *Salvador Allende* em 1973 e os fatos após o golpe militar no Chile, de acordo com João Batista de Abreu (ABREU, João Batista, *As manobras da informação*, 2000).

Longe de dizer que o JB foi um jornal de esquerda, apesar de ter possuído ideias progressistas, sabe-se que à medida que o comunismo ganhou apoio durante o século XX, mais aumentou a crítica sobre este sistema econômico nos veículos de comunicação de países capitalistas.

Ainda na década de 1970, ocorre o início da crise financeira que tomou conta do JB. Um retrato do que se transformou o jornal é a antiga sede na Avenida Brasil, o jornal se situava anteriormente em sua tradicional sede na Avenida Rio Branco.

O JB obteve um prêmio Esso, com desmonte do relatório das investigações do inquérito sobre o caso Riocentro e ainda teve importância fundamental na denúncia da tentativa de fraude, pelo Esquema Proconsult, nas eleições estaduais do Rio de Janeiro, em 1982, que visava beneficiar a candidatura de Moreira Franco em detrimento da vitória de Leonel Brizola.

Na década de 1980, houve uma licitação para redes de televisão, o Jornal do Brasil e a Editora Abril eram as grandes favoritas, pois as duas dispunham das melhores condições para criar alternativas à Rede Globo. Entretanto, foram a Manchete e a TVS (atual SBT) que foram as selecionadas.

Esta seleção teria sido feita por motivos políticos, pois o governo não queria que as novas emissoras fossem dirigidas por empresas jornalísticas que eram contra o governo militar.

O Jornal do Brasil sofreu com cercos publicitários, a censura da ditadura militar, escuta telefônica feita pelo governo e passou a usar o sistema de impressão *letter press* pouco antes de outros veículos em circulação adotarem o *off-set*, ficando com um sistema altamente ultrapassado para os padrões da época anos depois.

As organizações Globo crescem rapidamente, e de maneira espetacular, em todo o país durante a década de 1980, instituindo quase um monopólio na mídia brasileira. O JB acaba por ter de reduzir os seus custos, chega endividado à década de 1990, carecendo de muitas inovações tecnológicas e, então, passa a utilizar a gráfica do jornal O DIA.

Durante a crise do socialismo, a cobertura dos grandes jornais brasileiros teria se limitado a seguir o que as agências de notícias publicavam a ideia de que o fim dos regimes da Alemanha Oriental e da União Soviética significaria a derrocada final do socialismo. O Jornal do Brasil,

assim como O Globo, realizou uma cobertura jornalística sobre o fato.

1.4 – A História do Jornal O Globo

A imprensa brasileira já havia conquistado o seu lugar e definido a sua função, provocando a divisão do trabalho em seu setor específico e atraindo capitais investidores.

Sodré (1999) diz que no Brasil, a formação do proletariado não teria sido apenas tardia, e sim que há outro fator: a classe trabalhadora teria sido recrutada do campo, com mentalidade camponesa, e num campo em que as relações feudais eram ainda mais predominantes, ao sofrer também do longo passado escravista, pois o regime escravo ainda mantinha raízes na sociedade brasileira. O campo teve um agravante de receber um considerável reforço de elementos estrangeiros, também oriundos do campo, em seus países de origem ⁵⁹.

Nessa situação, o jornal O Globo é fundado em 29 de julho de 1925, por Irineu Marinho, quando a república estava enfim consolidada no Brasil e os principais jornais defensores da

monarquia já haviam sido derrotados ou mudaram de concepção, como o caso do próprio JB.

O Globo tinha a intenção original de ser um diário matutino para expandir o público leitor, no entanto, o veículo acabou por se tornar na principal fonte de lucro do grupo. Como Irineu faleceu semanas após a fundação do jornal, Roberto Marinho, que era seu filho, herdou a empresa.

Notamos um início da formação de uma elite chapa branca, a que fica no poder distante dos conflitos, e que executa uma postura de submissão aos interesses das elites internacionais, sempre fazendo parte da formação da opinião pública.

O jornal O Globo chega a ser líder absoluto de vendas nas classes A e B. A classe média posiciona o jornal entre os três jornais de maior circulação do Brasil, juntamente com o jornal O Dia e o Jornal do Brasil.

O Globo, ao contrário do Jornal do Brasil, teve mais facilidades de conseguir uma concessão pública para TV, a que garante que a emissora permaneça no ar. Esta concessão é fornecida pelo senado da república, o qual responde por todos os brasileiros.

⁵⁹ *Idem, Ibidem*, p. 310.

O Globo ganha esta concessão fornecida pelo governo militar no Brasil, um ano após o golpe de abril de 1964, e entra ao ar como canal de televisão em 1965, assumindo clara oposição aos posicionamentos de esquerda contrária ao golpe, apesar aceitar em suas redações o trabalho de diversos comunistas.

O veículo ainda recebeu financiamento do grupo empresarial norte-americano *Time-Life* para funcionar, e difundia uma programação que ocultava fatos à opinião pública sobre a situação política do país, criando assim uma interpretação de que o golpe militar seria uma revolução voltada a combater os “subversivos”, de acordo com João Batista de Abreu (2000).

Segundo Sodré (1999), o Grupo *Time-Life* teria remetido ao Grupo Roberto Marinho cerca de três milhões de dólares, correspondendo em moeda brasileira a, aproximadamente, seis bilhões e 145 milhões de cruzeiros, uma média de 700 milhões por mês ⁶⁰.

O Jornal do Brasil denunciou abertamente o investimento de capital estrangeiro para a fundação da TV Globo. Embora o editorial do

jornal O Globo publicasse em 6 de fevereiro de 1966 que as denúncias do acordo com a *Time Life*, estavam ligadas, em sua origem, a motivos políticos e que a operação já seria do conhecimento de autoridades desde 5 de fevereiro de 1965 (SODRÉ, 1999) ⁶¹.

Ao analisarmos o conjunto da empresa, de acordo com o sítio do Globo, a emissora cobre hoje quase cem por cento dos 5.043 municípios brasileiros, e possui 113 emissoras entre geradoras e afiliadas. É a emissora que mais cresceu durante a ditadura militar, e com vertiginoso salto na década de 1980, com a crise financeira do JB.

Ainda no sítio do Globo, na década de 1990, o PROJAC - Centro de Produção da Globo foi fundado em Jacarepaguá, e é considerado o maior da América Latina, contando no total com um milhão e trezentos mil metros quadrados, dos quais 120 mil são de área construída.

Hoje, a Rede Globo conta com cerca de oito mil funcionários, sendo mais de quatro mil envolvidos diretamente na criação dos programas: autores, diretores, atores, jornalistas, cenógrafos, figurinistas, produtores, músicos e técnicos.

⁶⁰ *Idem, Ibidem*, p. 439.

⁶¹ *Idem, Ibidem*, p. 446.

Essa é a posição privilegiada que as organizações Globo atingiram em seus mais de oitenta anos de existência, que possui um jornal com uma grande disposição de elementos, como um design arrojado e o foco na parcela da população mais informada e elitizada.

Assim como em outros países do mundo capitalista globalizado, os jornais empresa foram criados também nessa lógica de voltar aos interesses dos setores mais favorecidos em condições financeiras no país.

Capítulo 2 – A discussão teórica

2.1 – Jornalismo e poder

Neste capítulo discutiremos os aspectos teóricos que envolvem o tema de nossa pesquisa. No que compreende a comunicação “de massa” podemos buscar uma compreensão da construção do Estado atual como o aparato difusor da hegemonia dominante, através dos instrumentos de reprodução simbólica do sistema econômico presente.

Ciro Marcondes Filho (1989) diz que o jornalismo, normalmente, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar às suas opiniões subjetivas e particularistas, o foro da objetividade. O jornalismo ao atuar de acordo com os poderes econômicos e políticos, funciona como

instrumento para difundir os seus interesses de classe e transformá-las em senso comum, assim, a imparcialidade se torna impossível.

Nessa perspectiva, o autor apresenta uma relação de jornalismo e poder, afirma que a classe dominante em qualquer sistema econômico, ao se apropriar dos seus meios de produção, passa também a influenciar, direta ou indiretamente, tudo o que é produzido dentro da esfera da comunicação social.

A imparcialidade apresenta-se apenas como mero discurso reprodutor de uma ideia que a objetividade deve ser perseguida por meio de concepções impregnadas de valores morais pertencentes à ideologia do sistema econômico, os quais os grupos financeiros e políticos desejam transmitir as notícias à opinião pública.

A mesma massa que segue, é influenciada pelos formadores de opinião, que agem no interior dos meios de comunicação, colocando a população na posição de passividade. Uma vez que está excluída do processo de decisão sobre o que é verdadeiro interesse público. De acordo com Marcondes Filho (1989), estamos sujeitos à chamada que

apresenta notícias ao público, de forma sensacionalista, que atemorizam, misturadas em outras amenas e superficiais, que tranquilizam ⁶².

Ao se fragmentar a informação, a verdade fica distorcida para se transformar em notícia e se adaptar às concepções mercadológicas, políticas e ideológicas do veículo jornalístico.

A própria formação da imprensa em geral exige que esta mantenha um controle sobre os seus receptores. É comum observarmos a despolitização por parte de grande parte do público. Isso decorre da cultura de acomodação como afirma Ciro Marcondes Filho (1989), na qual se atemoriza e logo depois de tranquiliza o receptor da notícia, com as *soft news* se contrapondo as *hard news* ⁶³.

É fundamental para a existência da imprensa essa tranquilização, esse “equilíbrio” que o público é levado a ter para que continue consumindo os jornais e produtos anunciados. E, sobretudo, não se rebele, não se insurja contra o *establishment*, dando aos jornalistas a função de denunciar, se indignar e “agir” em nome dele. Assim, o público não questiona as informações

que vem dos meios de comunicação e as aceitam, como se estas fossem as únicas verdades.

A dependência da imprensa nos países em desenvolvimento ainda é maior por conta de um Estado subserviente às elites dominantes, como o que acontece no Brasil. Roberto da Matta (1979) diz que a sociedade brasileira se divide em duas coletividades, um Estado Nacional moderno e igualitário que nasce a partir da proclamação da república, com inspiração no modelo do individualismo burguês norte americano e uma Sociedade Hierarquizada, devido ao fato de termos sido colônia de exploração das grandes metrópoles. Assim, ainda hoje as elites dominantes reproduzem os seus valores simbólicos dentro da ideologia capitalista dominante.

E como, de acordo com a Escola de Frankfurt, os meios massivos são braços difusores da ideologia capitalista, a situação de manipulação política da opinião pública é ainda mais evidente num país em que os veículos de informação estão concentrados nas mãos de um grupo reduzido de “famílias” poderosas.

⁶² A Mídia também apresenta uma parte “quebrada” da realidade, deixando a população distante de uma compreensão maior dos problemas existentes na sociedade.

⁶³ Um bom exemplo é a forma como o Jornal Nacional estrutura suas edições. Os seus apresentadores sempre abrem o telejornal com denúncias, fatos noticiosos graves, entremeando, ao longo dos blocos, com notícias leves e até divertidas.

Em outra visão, Kleber Mendonça (2002, pg. 47) diz, em seu livro *A Punição pela audiência*, que “a prática jurídica hierarquizada - que impede que um juiz ou um jornalista fique preso numa cela comum - é dissimulada em um conjunto de leis fundamentadas no direito universal de igualdade”. E com esses valores transpostos “mecanicamente” de países desenvolvidos para a realidade brasileira, fica difícil não haver uma manipulação maior do que é produzido pelos meios de comunicação, totalmente constituído de uma elite privilegiada.

Existe um conflito, na sociedade brasileira, entre lei democrática e prática hierárquica, segundo Kleber Mendonça (MENDONÇA, Kleber, 2002), cujo objetivo principal é manter implícitos o conflito e a estrutura desigual da sociedade.

Ainda segundo Kleber Mendonça (2002, pg. 48), a imprensa brasileira, percebendo essa contradição, atribui a si a urgência de resolver o problema. Com isso, a imprensa pratica o mesmo que diz ser contra, já que se coloca contraditoriamente acima do poder e dos reais

interesses do público. Assim dentro dessa prática oportunista, a imprensa faz, com mais facilidade, o jogo do lucro dos agentes econômicos na sociedade brasileira, o jogo dos grupos que detêm os poderes políticos.

Pierre Bourdieu afirma que a desigual distribuição dos elementos de produção é o que faz com que a vida política seja descrita na lógica da oferta e da procura, portanto, o mundo político é o lugar onde se dá a concorrência que há entre os agentes envolvidos, produtos políticos, análises, programas comentários, conceitos, entre os quais cidadãos, devem escolher a melhor opção. Trata-se de um “mercado de bens simbólicos”.

Portanto, a possibilidade de engano é maior na medida em que alguém se encontra cada vez mais afastado do conhecimento político mais profundo.

O público acaba não por ter vontade própria, ele apenas reproduz o que lhe propõem como sendo de seu interesse, exatamente por este motivo, que uma dona de casa, ou um operário não politizado, quando assistem o fato da queda do muro de Berlim, comemoram, sem saber o processo da produção daquela notícia, além das

razões ideológicas pela derrubada o sistema socialista.

A derrocada do socialismo é apresentada de uma forma reducionista, descontextualizada, como vários outros fatos sociais, políticos e econômicos traduzidos de forma tendenciosa pela grande imprensa.

Não reivindicamos uma imprensa que exalte, ou abrace concepções políticas, mas apenas que dêem ao público material noticioso de qualidade que o permita fazer sua própria análise.

2.2 – Jornalismo e capitalismo

O jornalismo está diretamente ligado ao sistema econômico vigente e à sua própria natureza de desenvolvimento no capitalismo, como afirma Ciro Marcondes Filho (1989), em seu livro *O Capital da Notícia*. Segundo o autor, uma sociedade não estruturada sob as bases de exploração do lucro e do trabalho levaria a um jornalismo menos alienador e manipulador.

A utopia se processa no sentido de ignorar que não se pode conceber a existência do jornalismo em uma sociedade mais justa, igualitária sem que se politize a opinião pública, para que esta não fique em constante estado de aceitação, e sim, ganhe consciência crítica.

A imprensa funciona com todos os preceitos mercadológicos, dos quais as elites precisam para se manter ideologicamente como classe hegemônica, no sentido gramsciano, incentivando o consumo e a alienação com relação a fatos políticos.

Os fatos são apresentados ao público para que este seja desviado, então, da realidade. Um bom exemplo disso pode ser o fato de a TV Globo, em plena ditadura militar, ter colocado em suas principais programações diárias, as telenovelas nos anos 1950, para que, além de moldar a população ao consumo, pudesse também desviar os olhos da ditadura militar e suas atrocidades. Assim como acontece em jornais do sistema Globo que não chamam à população a participar dos debates sobre os Atos institucionais. É célebre a relação entre esta empresa e o regime militar e as benesses delas resultantes para os dois lados.

É cada vez mais comum no mundo de hoje a não separação do departamento comercial da produção das notícias nas redações. O que ocorre é a submissão dos valores ético-morais a valores regidos pelo interesse do lucro.

Segundo o livro *Assessoria de Imprensa e Relacionamento da Mídia*, o conceito de redação jornalística de um local onde se selecionam os assuntos e onde é feito o

acabamento final do material que será veiculado ao público é muito impreciso, já que cada veículo tem suas particularidades na montagem da rotina produtiva ⁶⁴.

A formação de uma redação, por exemplo, pode ser caracterizada por uma relação a mais capitalista possível, no que condiz a divisão do trabalho, em uma estrutura hierárquica, onde que vale é a palavra do editor do jornal e que fala pelo dono do veículo e de seus anunciantes dentro do mercado. A mídia produz sentidos, projeta-os e os legitima.

Por exemplo, de acordo com o livro *O Jornal – Da forma ao sentido*, Christa Berger fala sobre o critério de passagem do acontecimento a notícia, o espaço que ela virá a ocupar numa página, assim como na ideologia do jornal ⁶⁵:

“Acrescentamos a aprovação do anunciante e a apreciação do leitor para completar o círculo que ajuda a definir a noticiabilidade e, assim, a natureza da imprensa. A questão para um editor é: o que há de novo no mundo hoje, que conquiste leitores e não se confronte com os que sustentam economicamente” (BERGER, 1997:274).

De acordo com Abramo (1988), os repórteres, muitas vezes, questionam pautas, foco de matérias, a manipulação discursiva, mas não têm poder para eximi-los da prática profissional que se dá no interior das empresas jornalísticas.

No início do século XX, o capitalismo introduziu o taylorismo-fordismo nas empresas, que foram aplicados pelos grandes industriais americanos. De acordo com Nilson Lage, A divisão em funções na redação decorreu de uma imposição da transformação do jornal em empresa

(LAGE, *Ideologia e Técnica da Notícia*, 1987). Esta prática tinha como objetivo principal aumentar o lucro obtido, além de barrar o avanço dos crescentes movimentos operários nos EUA.

A racionalização do fordismo era realizada padronizando funções, pagando apenas por peças produzidas, além de premiar os que mais produzissem. Situação na qual muitos operários perdiam interesse pelo movimento de mobilização política nos EUA. No caso do jornalismo, a divisão de funções garantia impessoalidade às matérias.

⁶⁴ DUARTE, Jorge. *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia: teoria e técnica*. São Paulo, Atlas, 2003, p. 111.

⁶⁵ BERGER, Christa. *O Jornal – Da forma ao sentido*. MAURICE MULLAUD e SÉRGIO D. PORTO (ORG.). Brasília, Paralelo, 1997, p. 57.

A primeira escola de comunicação foi criada por *Robert Lee*, em 1869, era a *Washington College*, em Virgínia. Esta iniciativa promoveu a criação de cursos semelhantes em outras universidades pelo mundo.

Na época em que aconteceu a Intentona Comunista, em 1935, muitos materiais acusados de propaganda ideológica a favor do comunismo foram apreendidos e numerosos comunistas foram presos nas redações jornais, como no jornal *Novos Rumos*, de acordo com o sítio Jornal da Rede Alçar⁶⁶.

A imprensa promove também a ideia de que as redações tenham preferência por comunicólogos que não possuam quaisquer vínculos políticos partidários, e por esse motivo, diversos militantes foram expulsos de suas redações por conta de suas concepções ideológicas de esquerda.

Nos veículos jornalísticos, os responsáveis pelas editorias são normalmente o redator-chefe ou a própria empresa. Este pode ter a função desde redator e crítico até a de revisor do jornal.

De acordo com o livro *Jornalismo Internacional*, de João Batista Natali, as editorias internacionais são responsáveis por difundir para a opinião pública os fatos noticiáveis que ocorrem no exterior, obtidos através das agências de notícias internacionais, que são organizações responsáveis por apurar fatos, diretamente das fontes, e repassá-los para os veículos jornalísticos.

Normalmente estas empresas funcionam por meio de escritórios em diversas cidades do mundo, normalmente em capitais, como a AFP - da França, e a Reuters – inglesa ou a Associated Express – dos EUA.

Os colaboradores, mais conhecidos como *stringers*, e os correspondentes atuam obtendo informações em diversos países e repassam estas para suas respectivas centrais jornalísticas.

O Brasil possui correspondentes e colaboradores no exterior que atuam através do material jornalístico produzido pelas agências internacionais, mas não possui nenhuma agência internacional. O que faz com que as matérias difundidas pelos veículos da mídia brasileira, como o jornal O Globo e o Jornal do Brasil apresentem visões tão parecidas

⁶⁶Jornal da Rede Alcar.

http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar43completo.htm#Imprensa%20Brasileira:%20retrospectiva%20dos%20fatos%20relevantes%20de%202004,15/06/2006.

quanto os veículos de diversos jornais do mundo, como o *The New York Times*, *Le Monde*, etc.

Segundo artigo publicado no sítio do *Observatório da Imprensa*, diversas agências de notícias estão, no momento, ocupadas por profissionais sem preparo e por correspondentes inexperientes. Alberto Dines afirma que já faz tempo que as agências estão espremidas e subdimensionadas. O autor ainda diz que o mundo sumiu dos nossos jornais e revistas justamente no auge da globalização⁶⁷.

João Batista de Abreu, em seu livro *As Manobras da informação*, faz uma análise sobre a imprensa na época da ditadura militar, em que os próprios militares, ao perceberem o caráter duradouro do termo golpe, passaram a caracterizar a tomada do poder do Brasil como Revolução. (ABREU, João Batista, *As Manobras da informação*, pg. 23, 2000a).

De acordo com o autor João Batista de Abreu, em seu livro *As manobras da informação*, com o tempo, a imprensa brasileira passou a caracterizar o termo subjetivo de tachar todo cidadão de terrorista que fosse se contrário ao

sistema recém-instalado (ABREU, João Batista, *As Manobras da informação*, pg. 23, 2000b).

O jornal O Globo, desde o início, teve grandes contribuições durante a ditadura militar a favor do governo e nas eleições de 1989 – com o apoio ao Collor, assim como na cobertura acerca da derrocada do socialismo.

Para o veículo do O Globo, assim como para a maioria dos outros jornais da época, expressões como “império de mil anos havia ruído”, além do excesso da utilização da expressão “golpista” sobre a tentativa dos comunistas de derrubar Gorbachev em agosto de 1991 na URSS, foram comuns na produção de suas notícias.

Emir Sader (2006) afirma em artigo público no jornal *Correio Brasiliense* que os grandes debates nacionais costumam se valer, como parâmetros decisivos, de argumentos tirados da situação de outros países. Com isso, o Brasil acaba por sofrer amplo impacto das opiniões de veículos jornalísticos estrangeiros.

Ainda em Sader (2006), quanto maiores as tiragens dos jornais, piores são suas editoriais internacionais, já que os jornais buscam aumentar as vendas com os outros

⁶⁷ Observatório da imprensa.
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920011.htm>, 12/06/2006.

cadernos mais solicitados por um público que já é mal informado pela editoria internacional. Este público acaba por admitir qualquer opinião independente dos interesses dos países desenvolvidos, como os EUA ou Reino Unido.

Portanto, uma opinião anti-União Soviética acaba tornando-se quase consensual, já que o Brasil apenas obtém informações acerca dos aspectos negativos do socialismo através de agências internacionais privadas de países capitalistas desenvolvidos.

2.3 - O Falseamento e a supressão da informação

A notícia antes de chegar ao público precisa passar por vários processos que envolvem a sua produção, que vai desde a apuração dos fatos até o momento em que o receptor toma conhecimento deles.

É nesse sentido que o falseamento e a supressão da informação se transformam em mecanismos editoriais através dos quais jornais selecionam o que deve ou não ser publicado.

A “manipulação jornalística” executa um tratamento para transformar o fato em algo noticiável, para que este se torne objetivo aos olhos do leitor, de acordo com a ideologização constituída pela própria maneira de o jornalista organizar os fatos, por vezes, de maneira inconsciente, através da autocensura, outras conscientemente (MARCONDES FILHO, 1979).

Os valores, portanto, de cada jornalista, orientados sob uma lógica do sistema econômico vigente, estão associados aos interesses de sua

classe social de origem e a uma visão mercadológica da informação que passam a serem reproduzidos pelos veículos de comunicação para a opinião pública, como já analisado anteriormente.

Associadas à credibilidade que o jornalismo tem para o público, as notícias ganham caráter de verdades incontestáveis, em relação às quais o público apenas exerce a posição de consumidor passivo.

Ciro Marcondes Filho também fala da fragmentação da realidade (1979), como maneira geral de disposição do mundo na perspectiva da sociedade burguesa, através de notícias com informações fragmentadas, diluídas, difusas, que apresentam o contexto social, a realidade, sem nenhum nexo.

Essa situação de fragmentação acontece por conta do que é chamado por Marx de alienação do trabalho, que trata da ruptura entre o homem e seu produto do trabalho, que acontece na linha de produção quando o trabalhador é desenvolvido apenas em sua função como se este fosse uma peça de todo o maquinário produtor. O trabalhador então se reencontraria no produto final através de

seu distanciamento do mesmo, que passou a

adquirir vida própria. O que é chamado de fetichismo de mercadoria é reconhecido no consumismo (MARX, 1971).

As notícias são, portanto, associadas facilmente a esse tipo de fragmentação. Pois é de interesse para a classe social dominante que haja um controle sobre o que o leitor do jornalismo impresso precisa saber sobre os fatos. Já que o conhecimento sobre a realidade não deve atrapalhar o modelo de sistema econômico, assim como toda forma de organização do Estado vigente, constituído pelos interesses do sistema econômico da sociedade capitalista.

A hierarquização dos fatos é construída para que estes correspondam ao que é mais “objetivo”. Através da separação da notícia é destacado o que mais deve chamar a atenção do leitor em detrimento do que é, por vezes, o mais importante. É esta a lógica do mercado do jornalismo. O que não interessa é posto de lado como a origem dos fatos (MARCONDES FILHO, Ciro, O Capital da Notícia, pg. 41, 1979).

Nesse sentido, o receptor da mensagem não pode confirmar a veracidade do que lhe é

narrado por conta da manipulação produzida sob o viés de pensamento presente nos veículos jornalísticos.

É comum também a própria falta de interesse da opinião pública sobre o conhecimento de todo o processo produtivo da notícia, sobre a própria padronização dos valores que interessem aos grupos dominantes, e como se dá a pressão dessas regras sobre a maneira do público pensar e decidir.

Para Antonio Gramsci, em seu livro *Concepção dialética da História*, apesar do homem ativo atuar praticamente, este ainda não possui uma clara consciência teórica desta sua ação, já que este conhecimento do mundo é obtido na medida em que este indivíduo o transforma ⁶⁸.

A compreensão crítica sobre si mesmo é obtida através de uma luta de hegemonias políticas, assim, pode-se compreender que no indivíduo, conhecimento é poder. O que se traduz no fortalecimento de sua consciência crítica e no poder de, libertando-se da alienação, ser capaz de interferir nos rumos da sociedade.

Foucault indaga:

“Para que serve o conhecimento se não
para nos revolucionarmos?”.

⁶⁸ GRAMSCI, Antonio, *Concepção Dialética da História*, 1955, p. 20.

É essa mobilização na qual os grupos econômicos dominantes, no que condiz às classes sociais hegemônicas, não desejam, pois a estrutura econômica e todo o aparato estatal precisa se manter contra outros interesses que não sejam a manutenção dos interesses consumistas existentes na sociedade capitalista.

Através da globalização, o que é local passa a fazer parte da esfera internacional e a informação ultrapassa as fronteiras geográficas e vai para a tela do computador, sendo transmitida também via satélites em tempo real, para qualquer parte do mundo.

Segundo Milton Santos, nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de se tomar consciência do acontecer do outro (SANTOS, Milton, *Por uma outra globalização*, 2000a). E é nesse sentido que essas relações vêm sendo reproduzidas por todo o mundo globalizado para os vários indivíduos se transformarem em consumidores. Tanto de bens simbólicos, quanto de bens materiais específicos.

Milton Santos também afirma que o entendimento do que é o mundo passa pelo

consumo e pela competitividade, e que esse consumismo e essa competitividade levam à atrofia da personalidade, do conhecimento dos indivíduos e ocasiona a ausência do homem como cidadão.

Esse tipo de ausência sempre foi comum no Brasil até porque, segundo o autor, as classes privilegiadas nunca quiseram assumir essa função enquanto que os pobres jamais puderam (SANTOS, Milton, *Por uma outra globalização*, 2000b).

Como efeito da globalização, as relações interpessoais são afetadas de todas as formas na sociedade contemporânea brasileira. Os brasileiros vêm gradativamente se interessando pelos costumes estrangeiros. Até na política, questões como o neoliberalismo, os ideários do anarquismo e do comunismo no início do século XX, a política de cotas em universidades públicas e particulares, foram transpostas de maneira mecânica, muitas das vezes.

Esta característica do brasileiro está intimamente ligada novamente ao histórico hierarquizador da nossa sociedade, na qual seus formadores de opinião sempre foram a nobreza de

Portugal e, em nosso caso, não houve nenhum movimento revolucionário real que rompesse com essa estrutura de subordinação aos interesses estrangeiros desde a

época das capitâneas hereditárias. No quadro da globalização, a situação ainda fica mais complexa.

Através da mídia impressa brasileira, os jornais O Globo e o Jornal do Brasil não apresentam à opinião pública nenhuma crítica que represente uma reflexão mais profunda e sob um aspecto geral, assim como também não a incita ao debate.

Na cobertura jornalística brasileira sobre a crise política do governo Lula, a Revista Veja tem procurado sempre se apoiar com base do denunciamento em suas matérias. Segundo editorial do observatório da imprensa, publicado por Alberto Dines, em 16 de maio de 2006, a Revista Veja pretendia provar que o presidente Lula e alguns de seus colaboradores possuíam contas em paraísos fiscais, mas acabou envolvida numa das maiores fraudes jornalísticas dos últimos tempos. Quando não se tem certeza de uma informação, não se publica esta informação até que seja confirmada cabalmente. E se não for confirmada, fica na gaveta ou vai para a cesta do lixo ⁶⁹.

Nilson Lage diz que uma das hipóteses é que fatos que contrariam versões dominantes de

interesse do sistema podem ser desqualificados como o que aconteceu após a revolução russa de 1917, quando o termo bolchevique se traduziria como partidário da maioria, assim como soviético se referia a conselhos, que seriam formas de governo (LAGE, Nilson, *Controle da Opinião Pública*, 1998).

Essa criação de novas palavras para que se evitassem se traduzir e possivelmente incentivar o censo crítico da opinião pública foi promovida primeiramente pelos países capitalistas, que estavam engajados no combate ao avanço do comunismo no mundo no século passado.

Se a tradução fosse feita corretamente, a opinião pública poderia ter uma outra interpretação sobre a URSS. Uma das possibilidades de interpretação que poderiam surgir é que o povo participaria diretamente do poder do país socialista através dos “soviets”, ou conselhos, e não apenas o aparato burocrático estatal soviético controlado pelo Partido Comunista, e sim, a própria opinião pública desses países. A revolução feita pelos “bolcheviques” não seria mais a revolução feita apenas pelos “membros do Partido Bolchevique, de Lênin”, e

sim pelos partidários da maioria. É esse questionamento que

69 DIMES, Alberto. “Atentado aos princípios do jornalismo”. In:
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=381IMQ007> – consulta em 11/06/2006.

envolve os veículos jornalísticos brasileiros na cobertura de fatos estrangeiros que pode ser feito para se analisar alguns dos diversos fatores que envolvem a manipulação jornalística dos meios de comunicação.

Por fim, não é de se estranhar que alguns dos setores mais politizados acabem sendo os que possuem maior poder aquisitivo e que, quando se revoltam contra as injustiças sociais, venham a seguir pelo caminho da “esquerda”, ou até se enveredam pelo lado do socialismo e do comunismo nos dias atuais.

Como constatamos a ideologia capitalista da sociedade brasileira está impregnada de valores estrangeiros, cada vez mais inclusive, devido aos avanços das novas tecnologias da comunicação, como o computador e a aldeia global com a difusão de informações em tempo real através da Internet, anulando as fronteiras mundiais.

A destruição das fronteiras nacionais pela globalização, a redução do poder das instituições estatais sobre os serviços de educação, transportes, saúde, etc, além do avanço dessas novas tecnologias virtuais criam muitas dificuldades aos

movimentos pela emancipação popular que, sem estrutura o suficiente, não tem como competir com as grandes empresas jornalísticas formadoras de opinião e que hegemonomizam a ideologia capitalista, ao suprimirem as informações que assustam os poderosos do sistema.

2.4 – A Imprensa do Socialismo

Os meios de comunicação no socialismo foram ao longo de muitos anos criticados por diversos setores, tanto pelos defensores do capitalismo como também por muitos progressistas e intelectuais de esquerda. É nesse sentido que se deve analisar a importância do conhecimento da imprensa no socialismo.

Segundo João Batista de Abreu, em seu livro, *As Manobras da informação*, desde o aparecimento dos primeiros jornais, a imprensa segue os interesses de um grupo ideológico, podendo ser hegemônico ou não, dependendo do momento histórico (ABREU, João Batista, *As Manobras da informação*, pg. 21, 2000a).

Para João Batista, todas as pessoas possuem ideologia, e todas as palavras são impregnadas de valores ideológicos. Portanto, o texto, título, o entretítulo, a foto, a localização da matéria na página, as chamadas e a escolha da própria página compõem o discurso jornalístico.

(ABREU, João Batista, *As Manobras da informação*, pg. 22, 2000b).

Abreu diz que cada item examinado isoladamente oferece uma visão fragmentada do contexto, o que compromete a unidade do discurso, no entanto, os fragmentos são reveladores quando assumem caráter emblemático, a palavra possui o menor fragmento do discurso jornalístico e, muitas vezes, o mais revelador (ABREU, 2000). Por outras palavras, o jornal impresso está impregnado de sua ideologia que chega ao leitor através do discurso jornalístico. A sua editoria busca na ordenação das palavras a melhor maneira de passar a ideologia do veículo jornalístico.

Porém, é necessário compreender que a manipulação não envolve apenas a questão ideológica dos sistemas econômico-políticos já citados (capitalistas e socialistas), mas também padrões de manipulação distintos como os que Perseu Abramo aponta, em *Padrões de Manipulação na grande imprensa*, através de várias colocações sobre a manipulação dos veículos jornalísticos.

Perseu Abramo (1988) diz que a ocultação é o padrão que se apresenta pela ausência e a presença dos fatos reais na produção da imprensa⁷⁰. Essa ocultação é comum em veículos jornalísticos que tratam de matérias em momentos, em que se é necessário esconder alguns fatos, a fim de fazer com que a opinião pública não perceba a realidade como, por exemplo, no caso em que na época da ditadura militar, muitos veículos divulgavam receitas para donas de casa ao invés de informações que pudessem incentivar o senso crítico da opinião pública. Era uma forma de denúncia à ocultação, neste caso imposta pelo governo, mas há ocultação deliberadamente imposta pelos próprios veículos.

O padrão de fragmentação diz que, ao se tratar a realidade, com suas estruturas e interconexões, todo real é estilhaçado, despedaçado e fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados (ABRAMO, 1988). Assim, os fatos são hierarquizados em graus de importância, dada à linha editorial do veículo, criando uma nova realidade e distanciando o leitor da versão original. A

descontextualização da informação ocorre como consequência da seleção dos fatos para apresentar o resultado final ao leitor.

Há também o padrão de Inversão, quando depois de fragmentado o fato, os seus pedaços particulares, e fora do contexto, são reordenados, com a troca de lugares e da importância destes. O fato está fragmentado em várias partes e é reconstruído com base na troca de lugares, na substituição de umas por outras, e prossegue na destruição do real e na criação de uma nova realidade. (ABRAMO, 1988).

As principais formas de inversão são: a inversão da relevância dos aspectos, a inversão da forma pelo conteúdo, a inversão da versão pelo fato e a inversão da opinião pela informação.

Perseu Abramo afirma que na inversão da forma da relevância dos aspectos, o mais importante é tratado como segundo plano, a complexidade é trocada pela simplicidade, de fácil entendimento e o fato particular passa a ser tratado como geral.

A inversão da forma pelo conteúdo é assim caracterizada: o texto passa a ser mais importante que o fato reproduzido pelo mesmo. O visual, o

apelativo sensacionalista passa a valer mais do que a real veracidade e importância do fato (ABRAMO, 1988).

⁷⁰ ABRAMO, Perseu, *Significado Político da Manipulação na grande imprensa*, 1988, p. 25.

No padrão de Inversão da versão do fato, a versão do fato apresentada pelo veículo jornalístico, pelas fontes, passa a ser mais importante do que o próprio fato. A imprensa é capaz de sustentar versões mesmo que os fatos verídicos as desmintam, assim é perpetuada uma obstrução dos fatos de maneira que não se observe, nem se divulgue a realidade. Perseu Abramo apresenta dois tipos de extremos nessa situação: o frasismo e o oficialismo.

No frasismo, ocorre o abuso da utilização de frases ou pedaços de frases sobre uma realidade para substituir a realidade, acoplado à ocultação, fragmentação, seleção, descontextualização, etc (ABRAMO, 1988).

Um fato comum é a publicação de frases selecionadas nos órgãos de imprensa, a ideia do Perseu Abramo é que seria uma manipulação levada a seus limites, assim, de maneira mecânica, a mídia impressa difunde a sua opinião.

O outro extremo desse tipo inversão é o oficialismo: a versão ganha caráter de fonte oficial não apenas de autoridades do Estado ou do governo, mas de diversos setores da sociedade, a

autoridade mais confiável é a do próprio veículo jornalístico, que aparece no lugar dos fatos, sejam estes acontecimentos da política nacional ou internacional, ou não.

Há ainda, a inversão da opinião pela informação, na qual o veículo apresenta a opinião no lugar da informação (ABRAMO, 1988). Dessa maneira, o jornal vai fazer com que a opinião pública acate automaticamente a opinião do veículo jornalístico impresso sobre qualquer fato publicado.

No padrão da Indução, o leitor é induzido a ver o mundo não como ele é, mas sim o resultado final de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato (ABRAMO, 1988). O leitor só vai receber em casa um produto final repleto de ideias trazidas de diversas fontes, no processo de produção da notícia.

Os leitores, no entanto, ao perderem o conhecimento da realidade por quase sua totalidade, adquirem uma informação já manipulada com várias opiniões implícitas nas matérias no lugar das informações no intuito de se formar opinião sobre algo e sem certificar se

aquela informação é verídica ou não.

Após acontecer a substituição do juízo de valor pelo juízo da realidade, acaba-se deixando sequelas no leitor, as quais se originam da imposição de valores distantes do real como verdades irrefutáveis, como a construção de uma sociedade, cuja opinião pública não assuma posição sobre o que é ou o que já foi publicado.

Perseu Abramo apresenta também uma avaliação sobre a objetividade e a subjetividade do jornalismo. Primeiramente, o autor diferencia o conceito de objetividade de outros conceitos a este relacionados, como neutralidade, imparcialidade, isenção e a honestidade. Segundo o autor, estas palavras se situam no campo de ação, dizem respeito a critérios do fazer, do agir, do ser, e referem-se mais a categorias de comportamento moral. (ABRAMO, 1988).

Abramo diz também que se a objetividade absoluta não existe, ser subjetivo é então, tentar obter uma objetividade relativa. Portanto, não existiria nenhuma possibilidade de se obter a objetividade.

O conhecimento da realidade passa a ser mais objetivo quanto mais o sujeito observador

não se prende a aparências (ABRAMO, 1988). A análise da realidade não se dá de maneira limitada apenas a analisar um fato particular, e sim obter o conhecimento sobre todas as interconexões que envolvem determinado acontecimento. Por de meio uma análise geral, é possível se ver os dois lados da situação, com os seus antecedentes e consequências.

Normalmente, quando se busca uma análise da objetividade, não é apontada a questão de como seria possível um jornalismo com objetividade. Neste ponto, Perseu Abramo, faz-nos compreender porque os empresários da comunicação manipulam e distorcem a realidade.

Perseu Abramo explica haver duas vertentes para a explicação do fenômeno e a possibilidade de estarem corretas: Uma diz que o anunciante impõe que o empresário da comunicação manipule e distorça as informações, a outra é que a própria ambição do lucro do próprio empresário da comunicação é o fator determinante da manipulação.

Abramo classifica como mais aceitável a definição de que os veículos jornalísticos hoje são novos órgãos de poder. (ABRAMO, 1988).

De acordo com Pierre Bourdieu, em seu livro *Sobre a Televisão*, o tipo de violência que a televisão exerce sobre a opinião pública, é uma violência simbólica que se exerce com a cumplicidade tácita dos que sofrem e também, dos que a exercem, na medida uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. (BOURDIEU, Pierre, *Sobre a Televisão*, pg, 22, 1997a). Os jornalistas tanto manipulam quanto também são manipulados e inconscientes dessa manipulação.

E essa violência ocorre quando se é apresentado principalmente pelas notícias de variedades, em seu caráter sensacionalista, que exploram o sexo, o sangue, o drama. Atualmente, essas práticas são conhecidas em programas da TV brasileira como o Pânico na TV, Ratinho, além dos demais tipos de talks shows, no intuito de se ocultar um debate mais sério sobre temas como governo federal, a segurança, a desigualdade social, entre outros.

Bourdieu (1997) aponta o que Patrick Champagne chama de fenômenos de subúrbio, em que a mídia seleciona nessa realidade particular um aspecto inteiramente particular, em função das

categorias de percepção que lhe é própria. É organizado o percebido, determinando o que se vê e o que não se vê.

Ainda em Bourdieu, na “circulação circular da informação”, os produtos jornalísticos são mais homogêneos do que parecem, além do mais, as diferenças evidentes escondem semelhanças profundas ligadas às restrições impostas pelas fontes e por vários mecanismos, dos quais o mais importante é a lógica da concorrência (BOURDIEU, Pierre, *Sobre a Televisão*, pg. 31, 1997b). Assim, o monopólio se estrutura e a concorrência ganha mais diversidade. Logo, a competição na área de jornalismo passa a exercer grande influência nas atividades dos jornalistas. É comum, por exemplo, encontrarmos nas bancas vários jornais com as mesmas manchetes e matérias, o que prejudica o acesso do leitor a diferentes pontos de vista sobre os diferentes fatos.

No mundo globalizado atual, a manipulação passa a ser então imprescindível para a manutenção deste poder de atuar como órgão político. Assim, os veículos jornalísticos procuram atuar como partidos políticos, menosprezando,

muitas vezes, o papel do Estado e negligenciando o poder da opinião pública de impor as suas necessidades.

O mundo capitalista vem se desenvolvendo sob essa lógica de controle, em que é cada vez mais é comum esse tipo de prática. A diminuir-se a importância do Estado enquanto não se cria-se mecanismos que dificultam cada vez mais o conhecimento e a organização política da sociedade.

Após Revolução Russa, em 1917, Vladimir Lênin já se declarava contra a publicação de jornais privados que fossem contra o modelo de sistema econômico de

governo socialista, e que não possuíssem nenhum tipo de vínculo com o Partido Comunista da União Soviética ou com os antigos Conselhos, os “Sovietes”.

De acordo com Marcondes Filho, os órgãos noticiosos oficiais dos partido comunista da União Soviética e o *Neues Deutschland* antiga Alemanha Oriental também manipulavam, já que em qualquer perspectiva político-ideológico encontram-se interesses explícitos ou não, na forma de se tratar a matéria, no enfoque, na valorização dos componentes da notícia, na perspectiva subjetiva de se aproveitar o fato (1989, pg. 33).

Portanto, os jornais nos países socialistas são também sensacionais em sentido amplo e necessariamente manipulativos na conceituação de que a possibilidade efetiva de um jornalismo não manipulativo, uma vez rompidas as determinações mercadológicas de produção de notícias, é totalmente utópico.

Esse tipo de relação entre os comunistas e a imprensa também sempre foi comum desde os primórdios do marxismo durante o século XIX.

Segundo Marx, a função da imprensa seria funcionar como o cão-de-guarda público, o denunciador incansável dos dirigentes, o olho onipresente, a boca onipresente do espírito do povo que guarda com ciúme sua liberdade (MARX, 1980).

Karl Marx era contra a liberdade de imprensa, da forma que esta se apresenta no ideário burguês, considerando que, com essa liberdade, há sérios riscos de um sistema como o socialismo perder o seu poder político. Lênin critica a liberdade burguesa em seu livro, *Como Iludir o Povo*. Segundo ele, a liberdade nos países ditos “civilizados” como na França, Inglaterra e nos EUA seria uma farsa, já que a liberdade soviética, ao contrário das outras existentes no mundo, seria escrita em sua própria constituição, na qual legaliza a propriedade privada, ao passá-la para classe dominante no momento, a classe trabalhadora, e que nunca haveria no mundo uma revolução que estivesse garantida, sem que existissem situações de desesperados sacrifícios (1979).

E por esses motivos os jornais *A causa do povo* e *Sempre em frente* foram proibidos de

circular na URSS porque, segundo Lênin, os seus representantes davam à maioria de seus ataques ao Bolchevismo uma característica natural e uma aparência de

crítica teórica, porém superficial (LENIN, Vladimir, *Como Iludir o povo*, pg. 12, 1979)

71.

No livro *O poder simbólico* Pierre Bourdieu afirma que este é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo (BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, pg, 9, 1989). Ou seja, para se mudar o sentido da realidade seria necessário um controle sobre os meios de comunicação responsáveis pelo poder simbólico.

Bourdieu afirma que esses poderes, como instrumentos de comunicação, só podem exercer um poder estruturante na sociedade porque o poder simbólico é um poder de construção da realidade (BOURDIEU, 1989).

As ideologias, como oposição ao mito, servem a interesses particulares que passam a serem apresentados como interesses universais (BOURDIEU, 1989). Assim, os interesses do socialismo científico, que refletem, por sua vez, os interesses da classe trabalhadora passam a valer também para todos na sociedade em que o novo sistema econômico-político vigora.

Dessa maneira, enquanto que no capitalismo a classe subalterna seria a classe trabalhadora, no socialismo, a classe subalterna seria a burguesia, e tanto num caso, quanto no outro, as práticas noticiosas estão vinculadas a interesses políticos.

⁷¹ Trata-se de uma posição radical, mesmo que centrada no interesse da classe trabalhadora, seus representantes e do Estado. Esta posição vem se justificando em nome dos “desesperados sacrifícios” em nome do socialismo. O que as relações entre o socialismo e a imprensa trazem de importante, é que as informações, assim como seus produtores e consumidores, se confrontam num campo repleto de tensões e paradoxos.

Capítulo 3 – Análise de Matérias

3.1- Análise das matérias do jornal O Globo

Os critérios utilizados para a constituição do corpus desta pesquisa foi o de escolher matérias jornalísticas que nos ajudassem a refletir sobre as teorizações do capítulo 2. Além de se apresentar como material, através do qual, pudéssemos verificar as hipóteses defendidas nessa pesquisa.

Sabe-se que textos, propagandas, capas de revista, moda, estruturas arquitetônicas podem ser interpretadas como textos, e que podem, por sua vez, ser submetidos à análise. O corpus de pesquisa é o conjunto de matérias jornalísticas do período, entre 1989 e 1991, sobre os principais fatos da derrocada do socialismo no leste europeu e na URSS.

A nosso ver, as agências de notícias como as Reuters, a Associated Express, a AFP, uniformizam as informações diretamente das fontes e as repassam para os veículos jornalísticos

que, em uma editoria internacional, as utilizam para se produzir uma cobertura jornalística.

Durante a crise do socialismo, diversas agências internacionais realizaram coberturas jornalísticas sobre queda dos regimes socialistas da Alemanha Oriental e de todo bloco soviético.

O autor João Batista de Abreu afirma que compreender os eufemismos durante a ditadura militar, aprender a ler nas entrelinhas, ter a atenção despertada para o último parágrafo, entender o significado de um poema, uma receita culinária, compunham o jeito de se fazer jornal (BATISTA, João Batista, *As manobras da informação*, pg. 40, 2000).

Ao todo, são seis matérias analisadas, sendo duas publicadas da edição do dia 10 de novembro de 1989, sobre a queda do Muro de Berlim e no fim do socialismo na República Democrática Alemã.

Na cobertura sobre a crise na União Soviética, são quatro matérias, proporcionalmente divididas entre JB e O Globo. As editorias analisadas de ambos os

veículos são as internacionais. A seção do jornal O Globo é a Mundo e a do Jornal do Brasil é a Internacional.

Estes veículos foram escolhidos porque foram os principais jornais do Rio de Janeiro voltados para o mesmo público e entendidos, ambos, como pertencentes a uma imprensa de referência. E por serem evidentemente empresas inseridas no sistema capitalista, cuja abordagem de assuntos apresenta as marcas do compromisso ideológico com o sistema político-econômico em que estão inseridas.

Para começar, podemos analisar a matéria do jornal O Globo “Alemanha Oriental abre Muro de Berlim”, na seção Mundo e edição do dia 10 de novembro de 1989, da editoria Internacional. A Manchete afirma que a Alemanha Oriental – ou República Democrática Alemã - abriu as fronteiras do Muro de Berlim.

O conceito de democracia é um termo recorrente nas democracias do ocidente que serve, inclusive, para a manipulação de discursos políticos. Nota-se que o Jornal O Globo insistiu em esconder em seus títulos a palavra. É

interessante notar no veículo o padrão de manipulação que Perseu Abramo (1988) chama de ocultação, ao se omitir o nome completo da República Democrática Alemã.

Na manchete pode-se notar que as limitações do direito de ir e vir são, implicitamente, exploradas. Dessa maneira, o leitor terá conhecimento apenas da dificuldade que os cidadãos da Alemanha Oriental tinham de ir para o lado Ocidental, sem que fossem analisadas as razões desse procedimento político.

De acordo com Perseu Abramo, essa é a chamada manipulação pelo padrão de Indução. O leitor apenas verá que os comunistas dirigentes da RDA decidiram “fazer a bondade” de abrir o Muro de Berlim e, conseqüentemente, de derrubar o símbolo da divisão de dois países, e de duas ideologias. Mas não de que a ordem da abertura do Muro havia sido recebida do alto escalão do partido comunista da Alemanha, o Partido Socialista Unificado, e que os soldados nada podiam fazer do que seguir as deliberações de seus dirigentes.

De acordo com Bourdieu, as propriedades do jornalismo são chamadas de “furo”, a

uniformidade da oferta, o tempo de produção e a relação entre os profissionais. Esse questionamento sobre a ética visa ultrapassar velhos paradigmas, ao se sobrecarregar

pessoas de atribuições para propor condições éticas, o que pode resultar em uma falta de autonomia por conta de anunciantes, de fontes e da política.

Através da publicação de um fato, pode-se afirmar que a cobertura vem carregada de poder simbólico, do poder de consagrar pessoas e instituições, e que faz parte da função mediadora da imprensa.

O poder simbólico consegue difundir significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível à reprodução da ordem estabelecida (BOURDIEU, 1989). O que vimos no caso dessa matéria é que a ordem estabelecida foi aquela que é modelo nas sociedades democráticas capitalistas.

O segundo parágrafo dessa matéria classifica como “sensacional” o acontecimento. O que Abramo chama de indução do fato, em uma de suas afirmações sobre os padrões de manipulação da grande imprensa. A publicação dessa matéria está de acordo com o que Pierre Bourdieu afirma

sobre como as palavras podem exercer uma influência ideológica:

“A sensacional notícia foi divulgada por Gunther Schabowski...”.

Nota-se a utilização do adjetivo para designar uma opinião do veículo jornalístico sobre o fato da queda do Muro de Berlim, aliás, são opiniões vindas de correspondentes internacionais que divulgaram a notícia por telex ao mundo.

A adjetivação “sensacional” mostra que existe a exaltação de um direito da democracia ocidental de ir e vir, que é louvado pela surpresa do que este fato representa. É nesse sentido que Bourdieu afirma que as ideologias como oposição ao mito, servem a interesses particulares que passam a serem apresentados como interesses universais.

Portanto, quando se publica uma matéria sobre a queda do Muro de Berlim como um fato sensacional, o veículo jornalístico está tomando posição política de defender os ideais de democracia recorrentes do ocidente, pois, na visão do jornal, estes estão corretos em relação ao socialismo.

Outro trecho a se notar é a preocupação em

se informar a emoção que os funcionários do telex sentiram com a abertura do Muro, quando os correspondentes estavam divulgando o acontecimento político às diversas partes do mundo:

“Logo a sala se esvaziava, enquanto os jornalistas corriam para os telefones e para os aparelhos de Telex. Ao saberem do que se tratava, os operadores de telex e telefonistas, começaram a se abraçar e a chorar”.

Mais uma vez, a publicação busca incitar ao leitor sobre a importância do fato do fim do Muro de Berlim, já que a democracia é um conceito muito utilizado para se expressar ao direito à liberdade. E é nesse sentido que o que é particular, mais especificamente o que é um valor específico das democracias liberais, passa a ser universal, como afirma Bourdieu.

Em outro título fica também evidente a manipulação “Um Monumento ao ódio e à intransigência”, em uma clara demonstração do padrão da Inversão da forma pelo conteúdo, em que a palavra, a frase passa a substituir a informação, de acordo com Perseu Abramo.

Nessa expressão “Um Monumento ao ódio e à intransigência”, o que poderia ser simplesmente uma divisão entre dois sistemas econômicos ou de dois países passa a ser publicado como um conjunto de expressões

metafóricas, que ocultam parte da realidade e apresentam uma opinião declarada contrária ao socialismo. Essa expressão é repetida durante todo texto da matéria.

Podemos reparar também quando se fala no histórico do Muro de Berlim, que este foi construído pelos comunistas, porém, em nenhum momento, se afirma que de quem partiu a iniciativa de se dividir a Alemanha. Há uma clara lacuna de informação que compromete a contextualização do fato noticioso em foco na matéria.

Assim, notamos que o mesmo tipo de adjetivação que aconteceu na utilização da palavra sensacional ocorreu na expressão que classifica o Muro de Berlim como “um monumento ao ódio e a intransigência”, como já foi visto anteriormente. Ou seja, os jornais se utilizam o conceito de democracia para assumir posições políticas.

Ainda em Bourdieu, entra-se em discussão a produção jornalística, demonstrando como um instrumento de democracia como o jornal se converte num instrumento de opressão simbólica. E que o poder simbólico que nas mais diversas sociedades era distinto, hoje em dia, pertence a um

conjunto de pessoas que possuem o controle dos grandes conglomerados da comunicação, do conjunto dos instrumentos de produção e de difusão de bens culturais.

No texto da matéria é comum a divulgação pelo jornal do O Globo dos milhares que tentaram fugir para o lado Ocidente, sendo que muitos eram presos na tentativa de fuga.

Esse interesse por parte do jornal O Globo em explorar o fato da fuga dos alemães orientais demonstra o interesse político em se ocultar os fatos, através da descontextualização que Abramo sinaliza. Segundo o autor, essa descontextualização ocorre em decorrência da seleção de aspectos isolados como particularidades de um fato, em que o dado, a informação, a declaração perdem todo o seu significado original e real.

A fragmentação através da eliminação de uns e a manutenção de outros e a descontextualização dos que permanecem são essenciais à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade (ABRAMO, Perseu, Significado Político da manipulação da grande imprensa, pg, 28, 1988).

Em outro texto, com o título “Governo de Bonn aplaude decisão”, é comum os alemães orientais serem tratados como refugiados na

matéria. Além de ser claro o interesse político do jornal O Globo, ao enaltecer o papel de decisão dos dirigentes de partidos como a Democracia Cristã, Partido Liberal, além do Partido Social-democrata, no sentido de tratá-los como autoridades legitimadoras do fato – e do enfoque dado pelo jornal. Nesse sentido, o que podemos verificar em Abramo, é a inversão da versão pelo fato, na utilização do oficialismo, quando o jornal discute o controle de fluxo de entrada dos Alemães orientais, através da opinião dessas organizações, excluindo outras posições políticas divergentes.

Segundo o jornal Imprensa Popular, órgão oficial do Partido Comunista Brasileiro, publicado em 25 de agosto de 2002, na época das reformas, os países “economicamente eficientes” como a República Democrática Alemã e a Checosláquia eram criticados como os “últimos bastiões do stalinismo” e sofriam pressão pelas reformas da Perestroika por parte da União Soviética, além da influência do capitalismo vinda ocidente 72.

Ainda no IP, a queda da RDA, mundialmente conhecida como queda do Muro de Berlim, teve início com uma operação articulada pelo governo húngaro e alemão

⁷² “Caminhos, Descaminhos e Perspectivas do Socialismo”. In: Imprensa Popular. Rio de Janeiro, ed. FDR, ano I, nº 7, edição especial, 25/03/2002, p. 14.

ocidental, quando turistas alemães orientais que se encontravam em férias na Hungria foram estimulados a emigrar.

A partir daí cresceram os protestos, que foram fortemente apoiados pela igreja luterana, e a crise durante as comemorações do quadragésimo aniversário da RDA, às quais Gorbachev estava presente. A situação se tornou insustentável então, o que levou ao Erich Honecker renunciar. Para evitar um novo êxodo e dar credibilidade às reformas, o Muro de Berlim é aberto na noite do dia 9 ao dia 10 de novembro de 1989. Nada disso, entretanto, aparece nas páginas do jornal O Globo.

Na análise das matérias sobre o fim da União Soviética, na cobertura dos acontecimentos sobre a crise do socialismo, é possível notar o quanto o jornal O Globo dispõe em uma manchete uma posição política ao se referir ao grupo de comunistas que ainda tentavam derrubar Gorbachev e restaurar o socialismo anterior à Perestroika, através do golpe de agosto. A matéria tem como título “General propõe fuzilar os golpistas”, sendo publicada na edição do dia 22 de agosto de 1991, seção Mundo, da editoria

internacional.

A manipulação ocorre, mais uma vez, pelo padrão da Inversão da versão pelo fato através do frasismo, no abuso de utilização de frases sobre uma realidade para substituir a realidade, de acordo com Perseu Abramo (1988). A palavra golpe não seria a ideal para se designar uma intenção circunstancial, dentro de um momento de crise e sim, demonstra a intenção do veículo de dizer à opinião pública de que se tratava de uma ditadura militar na União Soviética.

João Batista de Abreu, em seu livro *As Manobras da informação*, afirma que na ditadura militar o próprio governo, ao perceber o caráter pouco duradouro da palavra golpe, passou a caracterizá-la como Revolução, como já foi visto anteriormente, no capítulo 2.

Porém, os golpistas na União Soviética não tiveram tempo, eles perderam o poder alguns dias depois, assim, não puderam fazer com que a palavra golpe se transformasse na opinião pública em algo como “o que estamos fazendo não é um golpe. Se trata apenas de medidas temporárias que tomamos enquanto Gorbachev está mal”, como a junta golpista afirmou, de acordo com o Jornal do

Brasil, edição do dia 20 de agosto de 1991, editoria internacional, seção Internacional.

A palavra general possui razões evidentes, uma ideia de autoridade, porém, ao ler o título percebe-se que o jornal busca novamente aludir ao leitor a ideia de que a URSS estava sofrendo uma ameaça à democracia, pois estaria sendo vítima de um golpe militar.

Pierre Bourdieu afirma que percebemos nesse caso o poder simbólico da mídia como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer ao fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão de mundo. (BOURDIEU, O Poder Simbólico, pg. 14, 1989).

Na mesma matéria, é possível reparar no texto que somente é divulgado o ponto de vista contrário ao dos golpistas. Não há a apresentação de nenhum ponto de vista dos que realizaram a operação da KGB para tirar Gorbachev, nesse texto. Trata-se, portanto, de uma “negligência” em relação a uma das premissas básicas do jornalismo: a de ouvir os dois lados da questão. Em que pese às dificuldades de se entrar em contato naquele momento com alguém ligado a KGB, no mínimo uma alusão às suas motivações para aquele tipo de ação, deveriam ser apuradas.

O texto ainda conta com uma declaração que acaba sendo o maior parágrafo:

“Eu comandaria tranquilamente o pelotão de fuzilamento contra os canalhas do Comitê de Emergência. Esta foi a única condição que exigi de Boris Yeltsin quando ele me entregou o comando da defesa russa há alguns dias. No momento, apenas aguardamos calorosamente a volta de Gorbachev”.

Este trecho está de acordo com o que Abramo fala sobre padrão de Inversão no extremo do oficialismo, através do qual a imprensa indica a fonte “oficial” ou “não oficial” de qualquer segmento da sociedade e não apenas de segmentos do governo, dando preferência à versão oficial em detrimento do fato, como já falamos anteriormente.

Ainda na matéria, segue na lateral uma lista dos derrotados na tentativa do golpe de agosto de 1991 na URSS. É importante lembrar que entre os articuladores do golpe incluíam-se parlamentares e movimentos sociais organizados como associações, e até ministros do próprio governo, e não apenas militares da KGB, o que está sendo mostrado apenas no final da matéria.

Na matéria “União Soviética acaba junto com 1991”, cuja edição é do dia 18 de dezembro de 1991, da editoria internacional, na seção Mundo, o Jornal O Globo tenta

associar o fim de ano, que normalmente é conhecido por um período festivo com o Natal e a festa do ano novo, com o fim da URSS.

O que veículo jornalístico faz é omitir uma série de fatos que aconteceram o ano inteiro, como o golpe de agosto, a partir do qual o socialismo teria saído realmente desmoralizado e a URSS começou a cair de fato.

Na expressão “Golpe de Agosto” ocorre o que Perseu Abramo chama de padrão de ocultação, como já dito anteriormente, se refere à ausência e à presença dos fatos reais na produção da imprensa. (ABRAMO, Perseu, Significado Político da manipulação na grande imprensa, pg. 25, 1988).

Novamente se tenta induzir ao leitor um conceito de democracia quando se fala no golpe na URSS:

O início do texto aparece uma afirmação marcante de que a bandeira vermelha com a foice e o martelo ia ser baixada dos mastros do Kremlin na véspera do ano novo de 1991. A informação foi uma declaração do porta-voz do governo na Rússia, *Pavel Voshchanov*, que disse também que

a intenção do governo da Rússia era fazer a URSS deixar de existir no dia 31 de dezembro.

No último parágrafo da matéria, que é uma declaração do Kremlin, podemos notar a importância que o Globo atribui ao fim da União Soviética: “A bandeira vermelha com a foice e o martelo chegou a ser baixada já ontem do mastro principal do Kremlin. Duras horas depois, foi substituída. Era uma bandeira velha”.

De acordo com Abramo, nota-se, portanto, um padrão de Indução. Pois o Globo se preocupa em divulgar essa mudança de bandeiras da URSS, sendo que a nova bandeira seria retirada dias depois e pela última vez.

Há também uma relação de textos com a opinião do jornal, que tem um título de “Conselho”. Esse trecho está de acordo com o que Perseu Abramo fala sobre o padrão de Indução, já a opinião política do jornal O Globo sobre o fim da URSS é imposta ao leitor. No texto cujo título é “Um réquiem marcado pela simbologia” nota-se que O Globo trata o fim da União Soviética como o enterro do socialismo quando diz que o enterro da URSS seria assistido por convidados da festa de

réveillon. Novamente acontece o padrão Indução ao se induzir que o fim da URSS simboliza o fim do socialismo.

A frase da legenda da foto principal diz: “Sinal dos tempos: num quase vazio Soviete Supremo soviético, no Kremlin, um deputado conservador discursa”. A intenção de utilizar a palavra "conservador" visa influenciar o leitor, pois está de acordo com o que Abramo classifica como padrão da Inversão da versão pelo fato, no extremo do frasismo, já que a intenção do Globo é classificar o conservador como Algo que lembre o passado e o anacrônico.

No texto cujo título é “Azerbaijão nacionaliza forças soviéticas”, acontece uma fragmentação, de acordo com Abramo. O leitor é informado de todos os acontecimentos que envolvem a desintegração do bloco soviético, como as nacionalizações das forças soviéticas no Azerbaijão, da intenção de Eduard Shevardnadze – chanceler soviético - de manter relações comerciais com os EUA após a desintegração da URSS, a expropriação da TV estatal soviética pela Rússia entre outros fatos ligados entre si.

A adjetivação ao classificar o ex-dirigente da Alemanha Oriental, Erich Honecker, como “ditador” está de acordo com o que Bourdieu diz,

em *Coisas Ditas*, de que o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada as coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem (pg, 167, 1990).

O leitor apenas tem acesso às informações negativas, nas quais fazem crer à opinião pública de que o socialismo acabou. As significações sobre a queda do regime socialista são publicadas no sentido de integrar o socialismo e de reproduzir a ordem pré-estabelecida nos países capitalistas de como o socialismo é “ruim” para a humanidade.

3.2 - Análise das matérias do JB

O Jornal do Brasil (O JB) foi um veículo jornalístico que combateu ferozmente a ditadura militar no Brasil. O veículo foi caracterizado por suas ideias progressistas e realizou também coberturas jornalísticas sobre a crise do socialismo.

Analisaremos, como foi feito no jornal O Globo, as matérias produzidas pelo Jornal do Brasil sobre a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS. Durante o fato do fim da divisão entre Alemanha Oriental e Ocidental, na edição do dia 10 de novembro de 1989, editoria internacional, na seção Internacional. O título é o seguinte:

Na manchete “RDA abre suas fronteiras e ‘derruba’ Muro de Berlim”, a palavra “derruba” está de acordo com Bourdieu diz que as, as palavras podem exercer influência ideológica.

Assim como no jornal O Globo, as limitações do direito de ir e vir são, implicitamente, exploradas. O leitor tem

conhecimento apenas da dificuldade que os cidadãos da Alemanha Oriental tinham de ir para o lado Ocidental, sem que fossem analisadas as razões desse procedimento político.

Portanto, de acordo com Perseu Abramo, esta manipulação acontece pelo padrão de Indução, no interesse do jornal fazer com que o leitor enxergue uma outra realidade dos fatos.

Na primeira matéria, são utilizadas quase as mesmas expressões antes utilizadas pelo O Globo sobre a cobertura do fato. O mesmo padrão de ocultação em relação ao nome completo da República Democrática Alemã e, mesmo ao substituir a palavra “refugiados” por emigrantes esconde que a maioria dos que passam para a Alemanha capitalista, ao menos inicialmente, iam para conhecer o país.

Segundo o professor Frank Usarski, de *Ciências da Religião da USP*, os protestos populares que precederam a queda do muro não exigiam, a princípio, a reunificação. Ele conta que as manifestações pediam um Estado mais democrático, mas que os protestos mudaram o rumo das reivindicações.

No final do primeiro texto, é colocada uma

declaração Hans Modrow, um dos novos poderosos da RDA, que era a favor da reforma liberalizante total no país. O

personagem da matéria diz que “a existência do partido, do país, do socialismo e até de um socialismo renovado está em crise”.

O texto seguinte está de acordo com o que Perseu Abramo diz sobre o padrão de Inversão da versão pelo fato. O oficialismo é utilizado frequentemente neste texto para demonstrar que os EUA são os poderosos do mundo através da declaração do presidente americano George Bush. Esse padrão já começa no título: “Bush: alemães devem ficar”.

O presidente americano aconselha aos alemães orientais a ficarem em seu país para participar das reformas liberalizantes e declara e quando perguntado pelo jornalista se o fim do Muro de Berlim representa o fim da chamada cortina de ferro, o dirigente americano responde: “Acho que nenhum evento em particular pode justificar o fim da cortina de ferro. Mas estamos muito mais longe dos duros dias da cortina de ferro”.

Na expressão “cortina de ferro” acontece o que Perseu Abramo classifica como o frasismo, que o abuso da utilização de frases ou de pedaços

de frases sobre uma realidade passa a substituir a própria realidade. Como já visto anteriormente, o frasismo surge com a manipulação levada a seus limites: uma frase, um trecho de frase, às vezes, uma expressão ou uma palavra são apresentadas ao leitor como a realidade original.

No final do texto manchete do Jornal do Brasil, o veículo publica, assim como O Globo, a emoção dos Alemães Orientais sobre o fato da queda do Muro de Berlim no seguinte título:

“Liberdade causa euforia e lágrimas”, que demonstra a influência ideológica nessas palavras, já discutida em Bourdieu. Nesse caso mostra-se o sentimento de uma parcela da população sem se focalizar, os que não compartilhavam daquele sentimento, que é apresentado como sendo de toda a população.

Observemos ainda, no subtítulo: “Alemães Orientais festejam cruzando o Muro aos milhares”. O padrão de manipulação acontece também nesses trechos acima citados, no que Abramo chama de Inversão da relevância dos aspectos quando o secundário é apresentado como principal e vice-versa; o acessório e supérfluo no

lugar do importante e decisivo; o caráter adjetivo permanece sobre o substantivo; o secundário é apresentado como o principal e o pitoresco, o esdrúxulo, o detalhe, enfim, pelo essencial (ABRAMO, 1988).

No texto comenta-se sobre os milhares de alemães orientais eufóricos que começaram a cruzar o Muro de Berlim rumo à Alemanha Ocidental e o fato de alguns dos cidadãos comemorarem bebendo champanhe.

Esta situação demonstra uma clara tomada de posição política do Jornal do Brasil em favor da abertura do Muro de Berlim, ao se divulgar apenas o ponto de vista a favor do fim do socialismo na Alemanha Oriental.

Na cobertura sobre a tentativa de golpe na União Soviética, edição do dia 22 de agosto de 1991, editoria internacional e seção Internacional, o Jornal do Brasil publicou uma matéria com o seguinte título: “Golpe fracassa e Gorbachev volta a Moscou em triunfo”. O padrão da Inversão da versão pelo fato é constante em todo o texto, com a utilização do frasismos e do oficialismo pelo veículo jornalístico.

Logo no título, podemos perceber dois frasismos de acordo com Abramo, como já visto anteriormente: O primeiro é a expressão “Golpe fracassa”, que demonstra que o movimento de restauração da antiga política da URSS, no qual

participaram não só a KGB, como parlamentares e até membros do próprio governo em uma disputa política não deu certo e assim foi classificado como golpe.

O Jornal do Brasil, assim como O Globo, procura passar ao leitor a ideia de que o golpe na União Soviética seria um ataque à democracia. O que leva a crer que ambos os jornais assumem posicionamentos políticos sobre o golpe na União Soviética.

É nesse contexto que aparece a tomada de posição política. O veículo afirma, através na expressão “Gorbachev volta a Moscou em triunfo” o apoio incondicional ao líder soviético, o que indica que o JB era a favor das reformas liberalizantes na União Soviética.

Nestas expressões, demonstra-se o poder de influência da ideologia das palavras e em como estas são importantes na manipulação jornalística, como Bourdieu aponta na análise sobre o poder simbólico.

O texto é marcado por declarações de autoridades a favor da repressão ao golpe e apresenta, novamente, assim como O Globo, o fracasso do golpe e as mortes causadas pela tentativa de tomada de poder. A matéria conta também com uma declaração do Bush de que as autoridades constitucionais estariam de volta e a que democracia havia vencido.

O primeiro entretítulo é “povo e soldados comemoram”, com o objetivo de se dizer que o povo se mobilizou para derrubar os golpistas que queriam restaurar o antigo regime fechado economicamente na URSS, de antes da Perestroika.

No texto, mais um padrão de Indução é utilizado. Nesse caso, o Jornal do Brasil quer impor ao leitor que todos os soviéticos pensam da mesma forma. Por exemplo: em uma entrevista feita com um operário, este diz que o seu coração está estourando de felicidade, defende Gorbachev e afirma que a vida dos soviéticos está muito dura. Nota-se que o veículo não há entrevista com ninguém que apoiou ou participou do golpe. Há um cidadão que falava até em demitir todos os conservadores, isto é, os que eram a favor a restauração do antigo regime de antes da Perestroika.

O último texto dessa matéria, cujo entretítulo é “Chefe do KGB é preso e junta será processada”, apresenta única e exclusivamente os derrotados no golpe e as medidas a serem tomadas em relação a seus participantes, além da retomada da

transmissão das emissoras de rádio e TV na URSS.

Segundo o órgão político do PCB, em edição publicada no dia 25 de março de 2002, o golpe de Estado da URSS seria uma tentativa de se evitar a desagregação do país, mas quem saiu vitorioso foi Yeltsin, que assumiu o poder de fato e ignorou o plebiscito que havia optado pelas repúblicas soberanas (não mais socialistas, embora ainda como URSS), mesmo após a libertação de Gorbachev.

O Jornal do Brasil publicou uma cobertura cuja edição é do dia 29 de Abril de 1991, cuja pesquisa foi realizada pelo jornal O Globo, pela editoria internacional e foi publicada na seção internacional do JB. O título da matéria é o seguinte: “Gorbachev exige que os comunistas se adaptem ao multipartidarismo”.

No texto, nota-se que Gorbachev critica os comunistas que antes passaram pelo governo da URSS e que abusaram de poder e que agora estes deveriam se acostumar a viver em um sistema multipartidário.

No título e no texto é predominante a prática de manipulação chamada por Abramo de padrão de Inversão da versão pelo fato. O texto é repleto

de declarações do Gorbachev, sobre o que ele exigia dos comunistas.

O texto termina mostrando uma rivalidade entre Boris Yeltsin e Gorbachev. De acordo com a publicação, Boris Yeltsin, ligado ao movimento Rússia Democrática, o

maior grupo de oposição ao Partido Comunista protagonizara um “racha”: Cem ativistas radicais, ligados ao ex-campeão de xadrez Gari Kasparov, abandonaram o congresso do movimento depois que a maioria aprovou o programa político que era a favor de Yeltsin.

Logo após, o JB coloca uma declaração do presidente do movimento de Yeltsin, Nikolai Travkin, que afirma que não considerou este fato com um racha, apenas “a saída de pessoas supérfluas”.

Ainda em Abramo, verifica-se o padrão de ocultação que o JB realiza para se omitir a realidade e apresentar uma unidade inexistente entre Gorbachev e Yeltsin. Gorbachev era secretário geral do Partido Comunista enquanto que Yeltsin era do movimento Rússia Democrática, ambos oposição um ao outro.

Segundo o jornal Imprensa Popular, do PCB, publicado em seu aniversário de 80 anos de partido, o multipartidarismo permitia a progressiva passagem de poder às forças antissocialistas, além da limitação do poder dos Sovietes ⁷³. Portanto, à medida que a crise se

agravava mais os comunistas que não apoiavam mais a Perestroika perdiam espaço político, o que culminou na derrota final com a derrocada do socialismo na União Soviética e no leste europeu.

⁷³ “Caminhos, Descaminhos e Perspectivas do Socialismo”. In: Imprensa Popular. Rio de Janeiro, ed. FDR, ano I, nº 7, edição especial, 25/03/2002, p. 13.

3.3 – Conclusão

O trabalho realizado se constituiu num esforço de reflexão crítica sobre os estudos de manipulação jornalística através da análise das matérias da cobertura política sobre a crise do socialismo e concluimos que, de fato, esta manipulação foi praticada tanto pelo Jornal do Brasil quanto pelo jornal O Globo.

Após a análise das matérias dos veículos jornalísticos termina o nosso trabalho de pesquisa, realizado através consulta a livros, textos, artigos, entrevistas, além das constantes visitas a bibliotecas e ao arquivo do Jornal do Brasil e do jornal O Globo.

Ambos os jornais, ao classificarem a crise do socialismo como a derrocada do socialismo, fazem-no dessa maneira por conta de dependerem das coberturas das agências internacionais. Mas também o fazem, em virtude do endosso a esta leitura dos fatos ligados ao socialismo.

O que fica mais evidente é que vimos um

Jornal do Brasil bem diferente dos tempos em que combateu à ditadura militar no Brasil, durante a década de 1960, quando chegou a perder uma concessão de TV na década de 1980 por conta de ser contra a ditadura militar, mesmo tendo passado por problemas financeiros.

Os problemas financeiros do Jornal do Brasil influenciam o veículo a realizar uma cobertura jornalística distante das polêmicas ocorridas durante a crise do socialismo. Dessa maneira, tanto o jornal O Globo, quanto o JB, realizaram o mesmo tipo de cobertura sobre a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS. O Jornal do Brasil utilizou os mesmos padrões de manipulação do jornal O Globo, já apontados, de acordo com as teorizações do capítulo 2.

A mudança no Jornal do Brasil mostra-se também em concepções políticas. Um jornal que apresentava suas notícias e que utilizava um viés político progressista, embora não socialista, para defender a democracia na época da ditadura militar, passou também por mudanças estruturais em sua organização, que levou ao veículo adquirir uma linha editorial mais adequada aos preceitos liberais de mercado do mundo globalizado, acreditamos.

É fato que a crise do socialismo não afetou as coberturas da imprensa brasileira em relação aos acontecimentos de outros países, pois as matérias das editoriais internacionais continuam sendo publicadas com a opinião das agências de notícias.

A manipulação jornalística, que pode existir em veículos de orientação política socialista ou capitalista, é percebida em relação aos contrastes entre o que dizia o órgão oficial do partido comunista, citado nesse trabalho, e o que diziam os jornais analisados sobre a crise do socialismo, os veículos da imprensa capitalista. Portanto, a manipulação não é referente apenas a um ou outro sistema econômico e político, e sim, inerente ao Jornalismo, que nos mostra uma evidência irrefutável: a inclinação política de cada veículo determina de que forma e sobre quem as críticas irão se aplicar.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS:

Livros

ABRAMO, **Perseu**, *Significado Político da Manipulação na grande imprensa*, 1. ed. Rio de Janeiro, 1988.

ABREU, **João Batista**, *As manobras da informação*, 1. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000.

ALTHUSSER, **Louis**, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, 9. ed. São Paulo: GRAAL, 2003.

BAUMAN, **Zygmunt**, *Globalização: As conseqüências humanas*, 1. ed. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 1999.

BERGER, **Christa**. *O Jornal – Da forma ao sentido* / Maurice Muillaud e Sérgio D. Porto (organizador), 1. ed. Brasília: Paralelo, 1997, p. 57.

BOURDIEU, **Pierre**, *Sobre a Televisão*, 2. ed. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 1997.

_____ *O Poder Simbólico*,

3. ed. Rio de Janeiro, 1989. DAMATTA,

Roberto, *Carnavais, malandros e heróis*.

6. ed. Rio de Janeiro, 1997.

DUARTE, **Jorge**, *Assessoria de imprensa e relacionamento com a Mídia: teoria e técnica /*

Jorge Duarte (organizador). 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ENCICLOPÉDIA SELEÇÕES / [tradução Stela Maris Gandour... et al.]. Rio de Janeiro: Reader's Digest, 2004.

FERNANDES, **Luiz**, *URSS – Ascensão e Queda*, 1. ed. São Paulo: ANITA GARIBALDI, 1991.

GRAMSCI, **Antônio**, *Concepção Dialética da História*, 4. ed. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1981. 62p.

_____ *Quaderni del carcere*,
edição do Instituto Gramsci. Einaudi, Turín, Italia, 1975.

_____ *Os intelectuais e a organização da Cultura*, 3. ed. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1979.

GRUNWALD, **Konstantin**, *Pequena história das grandes nações*, 1.ed. Rio de Janeiro: CIRCULO DO LIVRO, 1978.

LAGE, **Nilson**, *Ideologia e Técnica da Notícia*, 2. ed. Rio de Janeiro: VOZES, 1979.

_____ *Controle da Opinião Pública*, 2 ed. Rio de Janeiro, 1998.

LENIN, **Vladimir**, *Como Iludir o povo*, 3. ed. São Paulo: GLOBAL EDITORA, 1979.

LUXEMBURGO, **Rosa**, *Socialismo e as Igrejas*,

1. ed. São Paulo: CAUSA OPERÁRIA, 2003.

MARCONDES FILHO, **Ciro**, *O Capital da Notícia*, 1.

ed. Rio de Janeiro: ATICA, 1989.

MARX, **Karl**, *Miséria da filosofia*, 3. ed. São Paulo,
1988.

_____ *Teses sobre Feuerbach*, 3. ed. São Paulo,
1999.

_____ *Manifesto do Partido Comunista*, 2. ed.
São Paulo, 1998.

_____ *Sobre a liberdade de imprensa*, 2. ed. Rio
de Janeiro, 1980

MAZZEO, **Antonio Carlos**, *Sinfonia Inacabada*, 1. ed.
São Paulo: BOMTEMPO, 1999.

MENDONÇA, **Kleber**, *A Punição pela audiência*, 1. ed. Rio de Janeiro: EDITORA QUARTET, 2002.

Minidicionário da língua portuguesa / *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos anjos; equipe Elza Tavares Ferreira...[et al]. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

NATALI, **João Batista**, *Jornalismo Internacional*, 1. ed. São Paulo: CONTEXTO, 2004.

PÊCHEUX, **Michel**, *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SANTOS, **Milton**, *Por uma outra globalização*, 2. ed. São Paulo, 2000.

SODRÉ, **Nelson**, *História da Imprensa no Brasil*, 4. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999.

Stéphane Courtois, Nicolas Werth, Jean-Louis

Panné, Andrzej Paczkowski, Karel Bartosek, Jean-Louis Margolin, *O livro negro do comunismo. Crimes, terror e repressão*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999, 917 págs.

Jornais

**Ministerpräsident der italienischen Republik welt zu
offiziellem Besuch in DDR.** In:

Neue Zeit. Berlim Oriental, 10 jul. 1984, p.2.

**RDA abre suas fronteiras e ‘derruba’ muro
de Berlim.** “Internacional”. In: *Jornal do Brasil.*

Rio de janeiro, 10 nov. 1989, p.8.

Alemanha Oriental abre muro de Berlim. “O
Mundo”. In: *Jornal O Globo.* Rio de janeiro, 10
nov. 1989, p.18.

**Caminhos, Descaminhos e Perspectivas do
Socialismo.** In: *Imprensa Popular.* Rio de
Janeiro, 25 mar. 2002, p. 14.

CAMPOS, Roberto. “Segundo Caderno”. In: *Jornal O
Globo.* São Paulo, edição 1979, 19/04/1998, p.19.

Sites

Comunismo.

<http://www.comunismo.com.br/utopico.html>,
17/06/2006.

DIMES, Alberto. “Atentado aos princípios do jornalismo”. In:

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=381IMQ007> – consulta em
11/06/2006.

Globo on-line. <http://www.oglobo.com.br>, 23/04/2006.

JB Online. <http://jbonline.terra.com.br>, 15/04/2006.

Jornal da Rede Alcar.

http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar43completo.htm#Imprensa%20Brasil:retrospectiva%20dos%20fatos%20relevantes%20de%202004, 15/06/2006.

Anexos

SUMÁRIO DOS ANEXOS

- 1. JORNAL O GLOBO SOBRE A QUEDA DO MURO BERLIM.**
- 2. JB SOBRE A QUEDA DO MURO DE BERLIM.**
- 3. JORNAL O GLOBO SOBRE A TENTATIVA DE GOLPE NA UNIÃO SOVIÉTICA**
- 4. JB SOBRE A TENTATIVA DE GOLPE NA UNIÃO SOVIÉTICA**
- 5. JORNAL O GLOBO SOBRE O FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA EM 1991**
- 6. JORNAL DO JORNAL DO BRASIL SOBRE O FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA EM 1991.**
- 7. JORNAL IMPRENSA POPULAR – ÓRGÃO OFICIAL DO PCB**

**8. JORNAL DO BRASIL
PUBLICADO LOGO APÓS O
GOLPE DE
AGOSTO.**

Alemanha Oriental abre Muro de Berlim

BERLIM ORIENTAL — As autoridades da Alemanha Oriental decidiram ontem abrir os pontos fronteiriços com a Alemanha Ocidental, inclusive em Berlim, para que os berlinenses que quiserem atravessar sua paisagem possam fazê-lo livre e diretamente. A decisão significa a prática, a fim do Muro de Berlim.

A autoridade policial foi dirigida por Günther Schabowski, um dirigente bastante popular e responsável pelo setor de informações do novo Politbüro. A medida foi tomada pelo Conselho de Ministros, assinado Schabowski, que em meio a uma reunião com a imprensa internacional, ante uma pergunta sobre a abertura do muro e exterior, disse:

— Foi informado de que um comitê não pôde ser feito hoje mesmo sobre a questão das viagens ao exterior, que poderão ser realizadas sem formalidades prévias, sem as tradicionais passagens fronteiriças no traço de viagem. A permissão será dada a mais breve possível.

Logo a sala se esvaziou, enquanto os jornalistas corriam para os telefones e para os aparelhos de vídeo. Ao saberem do que se tratava, operários de rádio e radiotelevisão começaram a se aborrecer e a chorar, e a sair do estúdio.

— É o fim do pesadelo!

O próprio Schabowski comentou que a medida teria provavelmente as perfuras as barreiras fronteiriças entre as Alemanha e o Muro de Berlim, embora não tenha mencionado planos imediatos para demolí-las.

As faixas e avisos sobre a abertura de fronteira, o dirigente anunciou que não seria uma decisão temporária. A espera da aprovação de uma nova lei sobre viagens. A decisão foi precedida pelo acordo, assinado para que a Tchecoslováquia deixasse sair, por sua fronteira com a Alemanha Ocidental, todos os alemães-orientais que desejassem cruzá-la.

Schabowski acrescentou ter sido determinado às autoridades competentes que "alguns concedidos vistos para uma saída limitada, sem se exigir formalidades de viagem se dadas em casos excepcionais".

Ao que parece, o objetivo mais imediato é obter o êxodo dos alemães-orientais através de outros países, que foi qualificado de "uma tentativa para a nação" pelo Comitê Central do Partido Socialista Unificado (SED). O CC entendeu ontem em seu segundo dia de uma sessão prevista para três após ter, na véspera, não só eleito um novo Politbüro co-



Diante da sede do PC, manifestantes pedem liberdade e reforma econômica



Egon Krenz cumprimenta um berlinense antes de ser anunciado a história decisiva

mo destinado representantes da "velha guarda", contrários às reformas.

A aplicação oficial ADN divergirá mais tarde um comunicado, dizendo claro que a Polónia recebeu instruções de evitar vícios metodológicos ao adotar definitivos, que poderão ser feitas através de visitas ou passos fronteiriços entre as duas Alemanha ou entre Berlim Oriental e Ocidental.

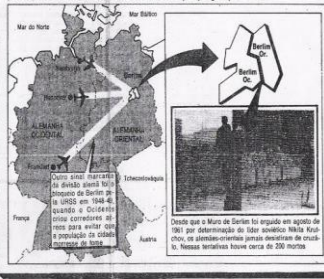
Com as ações permanentes (estratégia) poderão ser feitas pelas fronteiras entre as Alemanha, não haverá mais necessidade de os alemães-orientais procurarem um outro país, como o sempre em Tchecoslováquia, para dali irem para o lado ocidental. Muitos destes estrangeiros tinham como único documento a carteira de identidade, mas no caso da ADN assinada-se que, com as novas disposições, isso poderia ser regulamento provisório em vigor atualmente para a saída definitiva.

Desde o fechamento de passaportes, Schabowski já comentava a respeito de uma questão técnica, e por isso não quis adiantar outros detalhes.

Dois horas e meia depois do anúncio de abertura das fronteiras, milhares de alemães orientais começaram a sair à noite do Muro de Berlim, dirigindo ao lado ocidental, sem apresentar qualquer problema burocrático. Escassas horas antes,

Reformas liquidam um símbolo de divisão

As alterações sobre a abertura de duas fronteiras para que qualquer cidadão mundial de sensibilidade viaje sem obstáculos ao longo do mundo que dividiu o Governo da Alemanha Oriental não foi, na prática, no Muro de Berlim, provavelmente o mais característico símbolo da divisão de um país já agitado pelas reformas.



Desde que o Muro de Berlim foi erguido em agosto de 1961 por determinação do líder soviético Nikita Khrushchev, os alemães-orientais jamais esqueceram de cruzá-lo. Nessas tentativas houve cerca de 200 mortes

Governo de Bonn aplaude decisão

BONN — A decisão da Alemanha Oriental de liberar a sede de seus poderes que desmonta parte da estrutura alemã-ocidental, a medida, recebida em Bonn quando o Chanceler Helmut Kohl iniciou uma visita à Polónia, também levou a dano das prioridades partidárias políticas a favorecer uma reunião.

Os principais dirigentes da democracia-cristã, do Partido Liberal e do Partido Social-Democrata, em silêncio o principal da Oposição, se reuniram para discutir a situação da Alemanha Oriental e as medidas a serem tomadas em favor das reformas. O contínuo fluxo de alemães-orientais que chegaram à Alemanha Ocidental — mais de 200 mil nos últimos dois meses — está criando problemas neste país, que já está cheio de casas para acolhê-los.

A noite, nos salões da chancelaria, o imperador socialista de Berlim recebeu grande destaque.

O Ministro das Relações Exteriores da Alemanha Ocidental, Rudolf Siggel, anunciou ontem que o Chanceler Helmut Kohl está disposto a se encontrar o quanto antes com o Primeiro Ministro da Alemanha Oriental, Egon Krenz. Acrescentou que pretende viajar logo para a Alemanha Oriental a fim de preparar um encontro dos dois dirigentes.

Reforma econômica e

Um monumento ao ódio e à intransigência

Cidades ocidentais temem uma invasão

Bush: alemães devem ficar

Rosental Calmon Alves
Correspondente

WASHINGTON — O presidente George Bush saudou o surpreendente anúncio de abertura das fronteiras da Alemanha Oriental como "o maior triunfo do Ocidente desde o término da Segunda Guerra Mundial".

"O tom da entrevista de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Uma entrevista transmitida de Bush na gravada, ontem à tarde, no gabinete oval da Casa Branca e acompanhada imediatamente, minutos depois, através das principais redes de televisão dos Estados Unidos. Narrando o clima da Casa Branca, no final da transmissão, um repórter da rede ABC disse que os Estados Unidos estavam encucando a notícia da abertura das fronteiras da Alemanha Oriental como "o maior triunfo do Ocidente desde o término da Segunda Guerra Mundial".

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.

Ele recordou que os alemães têm muito amor por sua pátria. "Um algum momento, eles vão se dar conta de que podem sair, mas vão pensar se não seria melhor ficar para participar das reformas. Acho que ainda é cedo para prever se todo mundo vai querer ir embora", concluiu.

O governo americano removeu ontem sua disposição de ajudar a Alemanha Ocidental a dar assistência aos refugiados alemães orientais que cruzaram a fronteira nos últimos dias. Na prática, a ação colaboradora não age agora foi a instalação de hospitais de campanha cedidos pelas Forças Armadas americanas, mas há ofertas de alimentos e remédios.

Um entrevistado de Bush foi bastante relaxado, como se a preocupação

maior do presidente fosse manter a calma diante da excitação criada pela mais recente notícia sobre a incrível rapidez dos acontecimentos no leste europeu. Ele dificilmente pareceu querer deixar o país", afirmou.

Bush recordou que quando estava na Polónia, em julho último, um portariola lhe perguntou o que faria caso fosse um jovem polonês em dúvida sobre abandonar ou ficar no país. "Eu disse que ficaria, para participar desta dramática mudança e sentir o movimento no sentido da democracia e do surgimento da liberdade", disse o presidente.



Alemães ocidentais recebem com champanhe alemães orientais que cruzaram o Muro

Liberdade causa euforia e lágrimas

Alemães orientais festejam cruzando o Muro aos milhares

Milhares de alemães orientais festejaram ontem a abertura do Muro de Berlim. Os festejos começaram a cruzar o Muro de Berlim rumo à Alemanha Ocidental, a pé ou de carro, pouco depois de o governo da RDA anunciar a abertura de todas as fronteiras do país. A maioria pretendia voltar às suas casas em Berlim Oriental, mas fez questão de comemorar a novidade no lado ocidental. Uma fila de carros de mais de um quilômetro formou-se no posto fronteiriço da rua Bornholmer, um dos pontos existentes no Muro de Berlim. Enquanto esperavam, os motoristas fumavam sem parar e alguns bebiam champanhe.

"Estamos indo para a Kadummi", gritavam os que dirigiam-se à pé para o posto fronteiriço, referindo-se ao intimidade à Kadummi-restaurant, a principal avenida de Berlim Ocidental. "Isso estou indo lá para dar uma olhada", gritou um alemão oriental. "Milhares milhar não dá para chorar em casa porque tem que tomar conta dos cidadãos e não pode vir também", disse quando houver a distilação do Pacto de Varsóvia e da Oita (Organização do Tratado do Atlântico Norte)", a aliança militar liderada pelos Estados Unidos.

Três alemães orientais que chegaram a estação ferroviária próxima ao posto fronteiriço estavam lotados de pessoas que festejavam e cantavam. Os vapores voltavam completamente vazios para o centro da cidade. Uma multidão de jovens correu para o principal posto policial da Alexander Platz, no coração de Berlim Oriental, depois de ouvirem boatos de que poderiam obter lá os novos vistos. No posto, foram informados de que poderiam pegar os vistos em qualquer agência de turismo ou na própria fronteira.

A televisão alemã ocidental mostrou alemães orientais atravessando o checkpoint no Muro de Berlim apenas com suas cartelas de identidades. A polícia desistiu de checar um por um e deixou todos passarem. Equipes de primeiros socorros tiveram que atender pessoas que desmaiaram de emoção. Algumas choravam e pulavam, outras chegavam a cruzar a fronteira e voltar a Berlim Oriental logo depois, apenas para comemorar se isso seria mesmo possível. Em Berlim Ocidental, milhares rezearam os recém-chegados com palmas e fogos de artifício.

Uma mulher de Berlim Oriental, já de volta de uma visita ao lado ocidental, mal podia acreditar no que havia acontecido. "Foi a Berlim Ocidental foi para mim tão bom quanto o para a Austrália. Antes, parecia tão longe quanto a Austrália. Agora eu estou lá e volte enquanto os meus filhos estão dormindo. É incrível".

Policiais ingleses — Berlim Ocidental é administrada pelos Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, os aliados vencedores da Segunda Guerra — olhavam atônitos no posto de passagem da rua Invaliden, enquanto alemães ocidentais escalavam o Muro para saudar os alemães orientais que esperavam para cruzar a fronteira.

"Vimos apenas para ver nossa filha e beber alguma coisa", disse um alemão oriental sentado no capô de um carro lotado. "Ei vamos mostrar a Kadummi para nosso menino".

Diante da euforia dos alemães do Leste, que 28 depois da construção do Muro de Berlim destruíram pela primeira vez da total liberdade de ir e vir, o prefeito de Berlim Ocidental, Walter Momper, assistiu-se. Ele pediu aos alemães orientais que atissem por um ou duas semanas comemorações no lado Oeste, porque a cidade poderia não suportar tantos visitantes. "Todos que quiserem podem vir", disse ele. "Todos nós dissei algo agora e amanhã não será diferente. Por favor, meeno e compreendam alegre que vocês estão sendo entendido de poderem ir para o Oeste, fazem uso amável ou depois de amanhã".



Krenz: corrida contra o tempo para ganhar popularidade

URSS aceita governo sem PC

MOSCÚ — A União Soviética admitiu um governo não-comunista na Alemanha Oriental, desde que o país terminasse o Pacto de Varsóvia, a aliança militar do bloco socialista. A informação foi divulgada pelo porta-voz da Chancelaria soviética, Gennadi Gusev. "A Polónia é um bom membro do Pacto de Varsóvia e tem um governo de coalizão, não um governo comunista", disse Gusev.

O porta-voz também elogiou as mudanças na cúpula do PC do Estado alemão-oriental. "Creio que essas modi-

Berlin Ocidental — AFP

"Pensem 2 vezes antes de viajar"

O ministro do Interior da Alemanha Ocidental, Wolfgang Schauble, pediu aos cidadãos-orientais que pensem duas vezes antes de deixar seu país, devido às dificuldades que o governo de Bonn está enfrentando para o auxílio. Segundo ele, 225.000 alemães-orientais já cruzaram a RFA este ano, e o aumento de fluxo através da fronteira com a Tchecoslováquia está forçando autoridades ocidentais a buscar locais alternativos, e nem sempre confortáveis, para acomodá-los. "Por esta razão, e devido à situação frágil, todo alemão-oriental deve pensar cuidadosamente antes de viajar", disse Schauble.

Os problemas da emigração em massa começaram ainda na fronteira com a Tchecoslováquia, onde a polícia precisava interromper de tempos em tempos a entrada de carros alemães-orientais para permitir a passagem normal de caminhões. O agendamento em Schindling, principal posto de entrada, ultrapassou um quilômetro, e segundo as autoridades locais, o fluxo não dá sinais de diminuição.

Vencida a fronteira, a dor de cabeça passa a ser das autoridades alemães-ocidentais, pressionadas para conseguir alojamento para todos os refugiados. Muitos governos locais, já sem espaço em albergues, escolas e hotéis, planejam transformar containers de carga, depósitos e outros edifícios em locais para temporários.

O prefeito de Hanover, Herbert Schmalzing, do Partido Social Democrata (SPD), vice-presidente da Federação de Cidades Alemãs-Ocidentais, alertou para a possibilidade de um colapso não poder receber mais refugiados. Segundo ele, é urgente que Berlim Oriental e Bonn cheguem a um acordo para controlar o fluxo de alemães-orientais e que o governo de Bonn ceda uma regulamentação para distribuí-los pelo país, mencionando "o mal-estar e a agitação, a insegurança e a ansiedade" que começa a surgir entre muitos alemães-ocidentais e refugiados.

A escassez de alojamento já forçou o Exército a acomodar mais de 20.000 recém-chegados em 50 quartéis e outras instalações militares preparados às pressas, ficando os soldados a trabalhar com barracas de campanha. As autoridades portuárias de Hamburgo, no norte do país, planejam uma vila com containers de aço e têm preparados dois navios à disposição dos alemães-orientais.

As condições dos alojamentos, desde providos às vezes de mais equipamentos confortos, começam a gerar protestos por parte dos refugiados. A Cruz Vermelha de Westfalen (oeste) criticou a regulamentação. "Um milhão de alemães de 1958-1960 de sangue por nós para finalmente quatro pessoas num centro de refugiados. O valor é deitado dos 1.200 marcos (US\$ 600) de ajuda que os refugiados recebem dos fundos públicos alemães-ocidentais".

General propõe fuzilar os golpistas

MOSCOU — O Ministro da Defesa russo, general Konstantin Kobets, sugeriu ontem que os líderes do golpe contra Mikhail Gorbatchov sejam fuzilados.

Em caso de sua proposta ser aceita, Konstantin Kobets disse que gostaria de comandar pessoalmente o fuzilamento e que esta fora a única condição que impusera ao Presidente russo, Boris Yeltsin, quando assumiu o controle das Forças Armadas russas, na manhã de segunda-feira.

— Eu comandaria tranquilamente o pelotão de fuzilamento contra os canalhas do Comitê de Emergência. Esta foi a única condição que exigi de Boris Yeltsin quando ele me entregou o comando da defesa russa há alguns dias. No momento, apenas aguardamos calorosamente a volta de Gorbatchov — disse Kobets.

Boris Yeltsin nomeou Konstantin Kobets Ministro da Defesa russo logo nas primeiras horas após o golpe contra Mikhail Gorbatchov, quando se autoproclamou comandante de todas as Forças Armadas, soviéticas e russas, no território da Rússia.



Em duas colunas, os tanques que ocuparam Moscou durante o golpe fracassado deixam a Capital, em retirada

Destino da junta ainda é incógnita

MOSCOU — Até golpistas e golpeados aparecerem nos vídeos e falarem nos microfones, Moscou era uma imensa Babel de boatos, disse-me-disses e informações desencontradas. Mas a pergunta fundamental desses três dias de golpe — “onde está Gorbatchov?” — havia tido espaço a outra: “Onde estão os golpistas?”

— O grupo inteiro que integra o Comitê está no aeroporto de Vnukovo (a 30km de Moscou) para tentar fugir — anunciou à tarde no Parlamento russo o Presidente Boris Yeltsin.

Imediatamente, os deputados decidiram ordenar a companhia aérea estatal Aeroflot, à KGB e às autoridades da aviação civil que impedissem a decolagem do avião dos golpistas.

Começava a rede de contradições. “Todos os autores do golpe de Estado na União Soviética estão presos”, anunciou pouco depois um deputado russo, na tribuna do Parlamento. Aplausos gerais. A notícia, afirmou a agência Ansa, foi confirmada pelo Secretário de Estado americano, James Baker — que estava em Bruxelas.

OS DERROTADOS

Os oito membros da junta derrotada são os seguintes:

● **GUENNADY YANAYEV** — Vice-Presidente escolhido pelo próprio Mikhail Gorbatchov em dezembro.

● **VALENTIN PAVLOV** — f. Ministro das Finanças e, até antes do golpe, era o Primeiro-Ministro.

● **VLADIMIR KRUCHKOV** — é Presidente da KGB desde 1986. Foi Embaixador da URSS na Hungria entre 1964 e 69.

● **VASSILI STARODUBSEV** — é Presidente da União de Camponeses do país. Foi eleito Deputado da Assembleia do Povo.

● **DMITRI YAZOV** — nomeado Primeiro Marechal por Gorbachov em 1990 e é Ministro da Defesa desde 1987.

● **BORIS PUGO** — já foi um dos líderes da KGB; ocupava o cargo de Ministro do Interior.

● **OLEG BAKLANOV** — Presidente do Conselho de Defesa, engenheiro com reputação tecnocrata.

● **ALEXSANDR TIZYAROV** — Presidente da Associação de Empresas Estatais e Industriais, Construção, Transportes e Comunicações.

Golpe fracassa e Gorbachev volta a Moscou em triunfo

Montevidéu-AP

MOSCOU — Sete horas e oito minutos após ter sido o gôlo do presidente da União Soviética por um golpe de estado liderado por Mikhail Gorbachev, retornou a Moscou, onde desembarcou no aeroporto de Vnukovo às 21h de hoje acompanhado do vice-presidente e do primeiro-ministro da Rússia. Sem aparecer em público nem fazer qualquer declaração ele seguiu do aeroporto para casa numa comitiva de 15 carros. "Ele está fadado, com saúde, alerta e tranquilo, assim como sua família", informou o vice-presidente da Rússia, Alexander Rutskoi, chefe da delegação que foi à Crimeia buscar o presidente soviético.

Dois horas antes da chegada do Tupolev-134 que trouxe Gorbachev, o aeroporto foi cercado por tropas do Ministério do Interior. Vários embarcações apareceram mas não tiveram permissão para entrar. O embaraço de negócios da empresa de Jupp Leberich, que estava ali para saudar Gorbachev em nome da Companhia Europeia. "Sua presença é uma indicação de apoio aos polvos à normalidade", declarou o ministro do Interior.

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

Forças Armadas e ordenava a retirada das tropas. A declaração lida pela tevê também se referiu a conversas do presidente soviético com seu colega americano, George Bush, e com os líderes da Rússia, Ucrânia, Cazaquistão, Bielorrússia e Uzbequistão. "Todos eles condenaram unanimemente a tentativa de golpe de estado, que causou perca para os cidadãos soviéticos por causa das decisões apressadas das forças armadas do país. Eles declaram que estas ações inconstitucionais não receberam o apoio das autoridades nem do povo de seus repúblicas, e manifestaram sua confiança em que os aventurários serão levados à justiça por suas atividades ilegais".

— Em sua breve conversa com Bush que passa férias em Knebelskoye, no estado do Maine —, Gorbachev agradeceu o apoio do Ocidente. "Ele estava enfiado", disse Bush aos jornalistas. "As autoridades constitucionais estão de volta e a democracia republicana".

— Cazaquistão, terceira maior república soviética, o presidente Nursal Nazarbayev relatou pela televisão que se encontrou com Gorbachev em sua casa na Crimeia. Gorbachev lhe disse que foi mantido em completo isolamento por 30 dias do KGB e pediu um relato detalhado do papel de cada integrante da junta durante a tentativa de golpe.

Gorbachev informou ao presidente cazaque que quatro dos golpistas — entre eles o chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov — e o ministro da Defesa, Dmitry Yazov — estavam sendo julgados por terem participado de uma entrevista com ele. Nada se sabia sobre o paradeiro de outros dois importantes integrantes da junta, o



Moscovitas aplaudem os militares leais a Yeltsin que durante três dias defenderam a sede do Parlamento russo

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

Forças Armadas e ordenava a retirada das tropas. A declaração lida pela tevê também se referiu a conversas do presidente soviético com seu colega americano, George Bush, e com os líderes da Rússia, Ucrânia, Cazaquistão, Bielorrússia e Uzbequistão. "Todos eles condenaram unanimemente a tentativa de golpe de estado, que causou perca para os cidadãos soviéticos por causa das decisões apressadas das forças armadas do país. Eles declaram que estas ações inconstitucionais não receberam o apoio das autoridades nem do povo de seus repúblicas, e manifestaram sua confiança em que os aventurários serão levados à justiça por suas atividades ilegais".

— Em sua breve conversa com Bush que passa férias em Knebelskoye, no estado do Maine —, Gorbachev agradeceu o apoio do Ocidente. "Ele estava enfiado", disse Bush aos jornalistas. "As autoridades constitucionais estão de volta e a democracia republicana".

— Cazaquistão, terceira maior república soviética, o presidente Nursal Nazarbayev relatou pela televisão que se encontrou com Gorbachev em sua casa na Crimeia. Gorbachev lhe disse que foi mantido em completo isolamento por 30 dias do KGB e pediu um relato detalhado do papel de cada integrante da junta durante a tentativa de golpe.

Gorbachev informou ao presidente cazaque que quatro dos golpistas — entre eles o chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov — e o ministro da Defesa, Dmitry Yazov — estavam sendo julgados por terem participado de uma entrevista com ele. Nada se sabia sobre o paradeiro de outros dois importantes integrantes da junta, o

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

Chefe do KGB é preso e junta será processada

APB — 07/01

A declaração da ilegalidade do golpe pelo Soviete Supremo (parlamento) da União Soviética e a abertura de um inquérito criminal pelo procurador geral soviético ocorreram ontem em ponto final na breve aventura do Comitê de Emergência, que derrubou cinco presidentes do KGB e pediu a suspensão da licença de cada integrante da junta durante a tentativa de golpe.

Gorbachev informou ao presidente cazaque que quatro dos golpistas — entre eles o chefe do KGB, Vladimir Kryuchkov — e o ministro da Defesa, Dmitry Yazov — estavam sendo julgados por terem participado de uma entrevista com ele. Nada se sabia sobre o paradeiro de outros dois importantes integrantes da junta, o

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

— O presidente também destituiu dos cargos o ministro da Defesa, Yazov, o chefe do KGB, Kryuchkov. O vice-presidente também do parlamento esteve na sessão especial da próxima segunda-feira "a criação de uma comissão de inquérito para decidir a questão de levar à justiça os que se tornaram culpados de violação da Constituição da URSS".

— O Presidente também destituiu dos cargos o ministro da Defesa, Yazov, o chefe do KGB, Kryuchkov. O vice-presidente também do parlamento esteve na sessão especial da próxima segunda-feira "a criação de uma comissão de inquérito para decidir a questão de levar à justiça os que se tornaram culpados de violação da Constituição da URSS".

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

Povo e soldados comemoram

— O povo reagiu com euforia à notícia do fracasso do golpe, mas muitos afirmaram que a tentativa de afastar Gorbachev do poder foi uma advertência de que no futuro ele deverá lidar mais diretamente as necessidades do povo soviético. "O meu coração está entorpecido de felicidade", disse o operário Vladimir Galkov, que enfrentava uma longa fila para comprar salchichas. "Gorbachev, seu presidente de novo, mas se ele que pensar mais no povo e naquilo que o povo quer", acrescentou. "A vida para nós está muito dura".

— Com pedras e bombas de fabricação própria, milhares de pessoas que cercavam o Parlamento repeliram durante a noite os tanques que tentavam avançar pelas barricadas. Pelo menos 15 pessoas morreram nos confrontos. A junta, que amoniciava a imprensa e ameaçava libertar as reformas democráticas de Gorbachev, foi derrotada pela resistência popular comandada por Yeltsin e pelos acontecimentos.

— Apesar das críticas à incapacidade de Gorbachev de melhorar o padrão de vida dos soviéticos, a opinião geral era que uma União Soviética governada por Yeltsin seria um desenvolvimento realista e comê. Seria a volta do antigo regime, e eles proibiam tudo", disse a 20-vevo Alexeyeva, na fila do

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

— A notícia do fracasso do golpe — informou pelo rádio — "me deu um sentimento comemorado nas ruas da capital, onde houve cenas de alegria quando os manifestos em retículas acenavam dos tanques com o V de Gorbachev e a população aplaudia". Algumas horas antes do regresso de Gorbachev a Moscou, a televisão soviética divulgou uma mensagem em

Jornal O Globo sobre o fim da União Soviética em 1991

...isso também em reunião, convocada por Gorbachov de modo que a Rússia reforçou sua presença para ocupar o Parlamento federal, situação dentro das muralhas do Kremlin. Pouco antes da reunião, o por-

... uma bandeira vermelha com a foice e o martelo chegou a ser baixada já ontem do mastro principal do Kremlin. Duas horas depois, foi substituída. "Era uma bandeira velha", justificou o secretário central do Kremlin.



Sinal dos tempos: num quase vazio Soviete Supremo soviético, no Kremlin, um deputado conservador discursava.

Um réquiem marcado pela simbologia

MOSCÚ — O enterro da URSS será rodeado de símbolos. Antecorrendo, quando se encontrou com o secretário de Estado americano, James Baker, Yeltsin usou pela primeira vez a Sala Catarina do Kremlin, construída pela Imperatriz Catarina II para receber seus hóspedes mais ilustres. Até então, o único anfiteatro era Gorbachov. E o presidente russo tomara seu lugar no revellon — data que os russos comemoram com presentes e ceias, como se fosse o natal.

Por ironia do destino, a desintegração do império socialista foi provocada pelos seus três maiores fundadores: os russos, os ucranianos e os bielorrussos. Se o acordo entre Gorbachov e Yeltsin for cumprido, como é previsto, no dia 31 de dezembro a fortaleza de murros avermelhados — que no passado uniu os cazares russos e que nos últimos 74 anos foi a sede do Governo do maior país do Mundo — será restituída à Rússia. (M.Y.)

Parlamento: faltou quórum na despedida

MOSCÚ — Praticamente vazia — já que a Rússia retirara do plenário todos os seus deputados — o Parlamento soviético divulgou ontem uma "nota de repúdio à ilegal e apressada" expropriação de seus bens, aprovada na véspera pelo Parlamento russo. A expropriação inclui até a própria sede do antigo Soviete Supremo, no conjunto de prédios que formam o Kremlin. Pouquíssimos deputados participaram da sessão de ontem — talvez a última. Todas as nacionalidades, contudo, estavam representadas, exceto a russa. Até as cinco repúblicas centro-asiáticas — que vivem na Comunidade de Estados Independentes (CEI) — manifestaram seus representantes no Parlamento.

— Pensávamos que as tensões entre os grupos étnicos tinham terminado com o fim da URSS, mas pelo visto a Rússia que dominava a União Soviética — desabafou a deputada Ulia Ouzova, da Quirguízia. (M.Y.)

Azerbaijão nacionaliza forças soviéticas

O presidente azerbaijano, Ayaz Muttalibov, declarou-se ontem comandante-em-chefe das forças armadas não estratégicas baseadas no Azerbaijão. Por decreto, as guarnições do Exército Vermelho em território azerbaijano foram nacionalizadas. A medida não agradou ao General A. Kulikov, comandante regional das tropas do Ministério do Interior: para ele, as tropas devem se retirar do Azerbaijão, porque para lá se dirigiram por ordem da URSS.

● **DESPEDIDA** — Ao deixar Moscou rumo à Quirguízia, o secretário James Baker teve um breve encontro com o chanceler soviético, Eduard Shevardnadze. Os dois se cumprimentaram pela distância EUA-URSS, que arquitetaram juntos. Visivelmente emocionado, Shevardnadze dese-

jou que a desintegração da URSS não interrompa a amizade que surgiu entre eles.

● **RECONHECIMENTO** — A Turquia decidiu ontem reconhecer todas as repúblicas soviéticas que se declararam independentes. O governo turco já está providenciando a abertura de embaixadas na Lituânia, na Letônia e na Estônia. A única república soviética que ainda não declarou independência até agora é a Rússia.

● **ENERGIA** — Pelo menos cinco repúblicas soviéticas assinaram ontem um acordo para abrir seus recursos energéticos ao Ocidente, em troca de tecnologia. Outros 40 países assinaram a chamada Carta Europeia de Energia, em Haia. O acordo está sendo interpretado como um sinal de que os países indus-

trializados buscam novos fornecedores de petróleo, como alternativa à Opep, controlada pelos países árabes.

● **TELEVISÃO** — Assim como o arsenal nuclear, também a TV estatal da URSS passará a ser controlada pela Rússia. Um empresário russo dividirá o comando da emissora com seu atual presidente, Igor Yakovlev.

● **HONECKER** — O Chanceler da Alemanha, Helmut Kohl, telefonou ontem para o Presidente da Rússia, Boris Yeltsin, para conversar sobre o destino do ex-ditador da antiga RDA Erich Honecker. Foi a primeira intervenção pessoal do Chanceler no caso. Honecker desfilou ex-dirigente sem refúgio na Embaixada do Chile em Moscou, quarta-feira, para escapar de Justiça alemã.

Cazaque deseja manter armas nucleares

MOSCÚ — Um membro do Conselho Presidencial do Cazaque afirmou ontem que sua república não pretende se desfazer das armas nucleares que estão em seu território. O anúncio contradiz as declarações feitas na véspera pelo presidente russo, Boris Yeltsin, de que todo o arsenal soviético fora da Rússia seria destruído ou transferido.

Sultan Sartayev disse claramente que o Cazaque não cederá a qualquer acordo com Yeltsin a respeito das armas nucleares soviéticas em seu território — cerca de 1.800. Horas depois das declarações, chegou à capital cazaque, Alma Ata, o secretário americano, James Baker.

Baker conversou com o presidente do Cazaque, Nursultân Nazarbáiev a respeito do arsenal soviético e da República da Comunidade de Estados Independentes (CEI). Nazarbáiev foi designado porta-voz das repúblicas centro-asiáticas — Turcomênia,

Tadjiquistão, Uzbequistão, Quirguízia e Cazaque — que se reunirão sábado em Alma Ata para formalizar sua adesão à CEI.

Um funcionário da comitiva de Baker revelou que o secretário receberá garantias de dirigentes militares que as Forças Armadas não vão interferir na desintegração da URSS. Segundo o funcionário, o ministro da Defesa soviético, Yevgeny Shugovnikov, é o provável futuro comandante-em-chefe das Forças Armadas da CEI.

Antes de partir para Alma Ata, Baker esteve em Bishkek, capital da Quirguízia, onde se encontrou com o presidente Askar Akayev. Hoje, ele visitará Minsk e Kiev. Depois de um encontro com o presidente ucraniano, Leonid Kravchuk, amanhã, ele seguirá para Bruxelas, e sexta-feira deverá apresentar à Oua suas impressões sobre as repúblicas soviéticas.



Um soldado russo conversa com o avião americano, que chegou pouco antes a Moscou trazendo ajuda de \$ 24 milhões.

...Catarina do Kremlin, construída pela Imperatriz Catarina II para receber seus hóspedes mais ilustres. Até então, o único anfiteatro era Gorbachov. E o presidente russo tomara seu lugar no revellon — data que os russos comemoram com presentes e ceias, como se fosse o natal.

Por ironia do destino, a desintegração do império socialista

... de seus bens, aprovada na véspera pelo Parlamento russo. A expropriação inclui até a própria sede do antigo Soviete Supremo, no conjunto de prédios que formam o Kremlin. Pouquíssimos deputados participaram da sessão de ontem — talvez a última. Todas as nacionalidades, contudo, estavam representadas, exceto a russa. Até as cinco re-

...creto, as guarnições do Exército Vermelho em território azerbaijano foram nacionalizadas. A medida não agradou ao General A. Kulikov, comandante regional das tropas do Ministério do Interior: para ele, as tropas devem se retirar do Azerbaijão, porque para lá se dirigiram por ordem da URSS.

...Turquia decidiu ontem reconhecer todas as repúblicas soviéticas que se declararam independentes. O governo turco já está providenciando a abertura de embaixadas na Lituânia, na Letônia e na Estônia. A única república soviética que ainda não declarou independência até agora é a Rússia.

... Assim como o arsenal nuclear, também a TV estatal da URSS passará a ser controlada pela Rússia. Um empresário russo dividirá o comando da emissora com seu atual presidente, Igor Yakovlev.

... O Chanceler da Alemanha, Helmut Kohl, telefonou ontem para o Presidente

... está mais mudado ainda. É uma simples troca, de URSS por Rússia, não bastará para adaptar o Conselho de Segurança à realidade internacional.

Yeltsin propõe dar pensão a Gorbachov

ROMA — Mikhail Gorbachov não terá cargo algum na recém-criada Comunidade de Estados Independentes (CEI), mas receberá uma pensão vitalícia da Rússia, afirmou o presidente Boris Yeltsin em entrevista divulgada ontem pelo jornal italiano "La Repubblica".

— Não quero falar mal de Gorbachov — disse Yeltsin, depois de criticar a atuação do presidente soviético na área econômica. — Admiro suas realizações, e quando ele renunciar à Rússia assumirá a responsabilidade por ele, garantindo-lhe a pensão e tratamento satisfatórios.

A entrevista foi realizada depois do encontro de segunda-feira entre Yeltsin e o secretário de Estado americano, James Baker. Yeltsin afirmou que o presidente da recém-criada URSS deve renunciar até meados de janeiro.

— Decidimos concluir a transferência de poder em dezembro, e por isso Gorbachov também deve se decidir.

Credores concedem moratória à Moscou

FRANKFURT, Alemanha — Os bancos credores da União Soviética concordaram a Moscou uma moratória de três meses para o pagamento da dívida externa soviética, avaliada em uma quantia entre US\$ 57 bilhões e US\$ 71 bilhões.

Reunidos em Frankfurt, representantes de 12 bancos credores, do Banco Soviético de Comércio Exterior e do Banco Central da Rússia decidiram na ontem que os pagamentos que vencerem nos três primeiros meses de 1992 são adiados até fins de março. O acordo, pedido pelos soviéticos, só foi alcançado depois de horas de reunião madrugada adentro.

Sob a direção do Deutsche Bank, credores também decidiram criar uma subcomissão, encabeçada pelo Bank of America, encarregada de estudar a situação econômica da URSS.

... gada ontem pelo jornal italiano "La Repubblica".

... Não quero falar mal de Gorbachov — disse Yeltsin, depois de criticar a atuação do presidente soviético na área econômica. — Admiro suas realizações, e quando ele renunciar à Rússia assumirá a responsabilidade por ele, garantindo-lhe a pensão e tratamento satisfatórios.

Jornal do Jornal do Brasil sobre o fim da União Soviética em 1991

JORNAL DO BRASIL
29 ABR 1991
PESQUISA - O GLOBO

Gorbachev exige que comunistas se adaptem ao multipartidarismo

MOSCOW — O presidente Mikhail Gorbachev lembrou aos líderes do Partido Comunista que o monopólio do poder de que desfrutaram durante mais de sete décadas terminou em março de 1990, quando o Congresso do Povo alterou o artigo seis da Constituição, e que agora eles têm que se acostumar à ideia de que vivem em um sistema multipartidário. Embora não tenha usado o termo "mesa redonda", empregado pelo líder russo Boris Yeltsin, ele deixou claro ser favorável à cooperação, no discurso de encerramento do plenário do PC, quinta-feira, que foi publicado ontem pela *Pravda*.

"O partido abriu mão deliberadamente do monopólio do poder que existia há décadas e eu vejo que é difícil para muitos aceitarem esse fato. Anos atrás, falando a este mesmo plenário, eu disse: 'Camaradas, todos nós e nosso partido devemos aprender a trabalhar em condições que se tornarão cada vez mais democráticas.' E agora digo claramente que chego a parte mais difícil. Em nosso país não há somente a diversidade de

opiniões, mas também o pluralismo político", afirmou.

Gorbachev recordou que muitas forças novas entraram na arena política e que isso mudou inteiramente a situação. Ele conclamou seus correligionários a se dar conta dessa nova realidade e encontrar uma identidade própria, adequada ao novo estágio de desenvolvimento da sociedade soviética. Na mais evidente mudança de posição, Gorbachev disse que nem todas as forças democráticas são destrutivas. Antes, ele havia afirmado que o grupo formado em torno de Yeltsin era constituído de "pseudodemocratas", que usavam a democracia para seus projetos pessoais.

"Existem, é verdade, extremistas, que fracassaram em algum momento em seus propósitos e agora estão lutando pelo poder. Mas eu nunca concordarei com a ideia de que todos aqueles que promovem a democracia devam ser vistos como adversários", declarou, ao encerrar uma difícil plenária, em que teve que oferecer sua renúncia ao cargo de secretário-geral para forçar uma confirmação no cargo.

Na semana passada, Gorbachev, Yeltsin e os líderes de outras sete repúblicas soviéticas assinaram um acordo que contém, entre outros itens, um apelo pela suspensão das greves e autoriza a adoção de um "regime especial" em setores considerados chave da economia soviética. Foi o primeiro gesto de cooperação entre os dois rivais desde agosto passado, quando concordaram em trabalhar juntos pela implantação de uma economia de mercado na URSS.

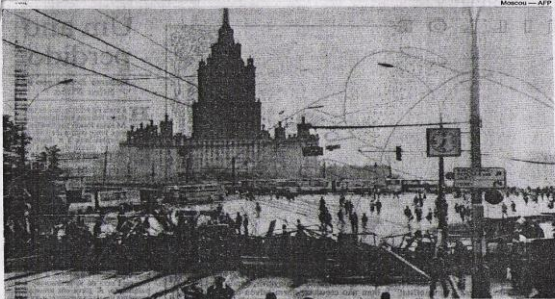
A atitude de Yeltsin provocou um *racha*, na noite de sábado, do seu movimento Rússia Democrática, o maior grupo de oposição ao PC. Cem ativistas radicais, capitaneados pelo ex-campeão de xadrez Gari Kasparov, abandonaram o congresso do movimento depois que a maioria dos 400 delegados presentes aprovou o programa do atual presidente. Nikolai Travkin, que apoiou a posição do presidente da Federação Russa, Travkin subestimou a deserção: "Eu não considero isso um *racha*. É apenas a saída de umas poucas pessoas superfúas", disse.

Revista África do Sul — Baía

Jornal Imprensa Popular – Órgão oficial do PCB



Matéria do Globo sobre o Golpe de agosto



Mitrovicna Kalinita, manifestantes fizeram barreiras para impedir a chegada de tanques



Os homens fez seu protesto colocando o porco na escotilha do tanque

Golpistas proíbem partidos e greves na URSS

MOSCÚ — O Comitê Estatal de Emergência, que depois o presidente Mikhail Gorbachev na madrugada de ontem e tomou o poder na União Soviética, baniu os partidos políticos, proibiu as greves e manifestações públicas, fechou todas as paradas com exceção de nove distritos, quase todos ligados ao Partido Comunista, colocou a TV sob censura e decretou o estado de emergência em várias regiões do país, incluindo Moscou e Leningrado, cidades para as quais foram nomeados comandantes militares. Gorbachev está sendo mantido em prisão domiciliar na Crimeia, península no Mar Negro, onde passava férias.

Apesar disso tudo, o vice-presidente Gennadi Yanayev, que assumiu a frente do Comitê formado por oito militares e políticos da linha-dura, prometeu continuar as reformas políticas e econômicas iniciadas por Gorbachev em 1985 e manter todos os compromissos e tratados internacionais assinados por Moscou nestes anos da perestroika, que mudaram radicalmente a URSS e todo o mundo. Na capital ocupada por tanques, o presi-

dentário do Exterior, Yanshey prometeu ainda "organizar eleições presidenciais gerais segundo os princípios democráticos", sem especificar datas, disse que a prioridade do Comitê é "comida e habitação" e sustentou a versão de que Gorbachev, que estava de férias na Crimeia, à beira do Mar Negro, e deveria voltar ontem em Moscou, foi adiado por motivos de saúde.

O chefe do Comitê Estatal de Emergência afirmou que a substituição do presidente Mikhail Gorbachev obedecia à Constituição — "o vice-presidente assume o lugar do presidente" —, mas a decretação do estado de emergência está sendo questionada por integrantes do Comitê de Supervisão (Tribunal) Constitucional. De acordo com uma resolução adotada em março do ano passado pelo Congresso de Deputados do Povo o estado de emergência tem que ser aprovado pelo Soviete Supremo soviético por uma maioria de dois terços. Yanayev disse que o Comitê de Emergência convocou uma sessão especial do Soviete para o dia 27 de julho, a fim de ratificar as medidas anunciadas ontem.

Na entrevista coletiva, Gennadi Yanayev citava acompanhado de outros integrantes do Comitê de Emergência, incluindo os ministros do Interior, Boris Puzov, o responsável pela

chefe, e os coordenadores passaram a denunciar a "humilhação internacional" da URSS.

Mais do que a escassez, a alta dos preços e a desorganização econômica, porém, o principal alvo dos comunicados divulgados ontem pelo Comitê de Emergência foi o estado de desorganização da União Soviética, representado pelas crescentes reivindicações autônomas das repúblicas e o desafio das seis repúblicas — Letônia, Lituânia, Estônia, Geórgia, Moldávia e Armênia — que declararam sua soberania ou independência em relação a Moscou. O golpe impediu a assinatura, prevista para hoje, do novo Tratado da União, negociado durante meses por Gorbachev com dirigentes de nove das 15 repúblicas. O tratado transferiria significativas parcelas de poder do governo central para os líderes republicanos.

"O país está imprevisível... foram extremistas levam a União Soviética à desintegração, a destruição do Estado e à tomada do poder por qualquer meio. Em algumas partes se exige a revisão de zonas fronteiras, há inclusive vozes que exigem o desmembramento da URSS. O orgão e a honra soviéticos devem ser totalmente restaurados", disse um comunicado do Comitê destinado ao

As medidas de emergência

1. Todos os órgãos de poder e de administração da URSS, das repúblicas federadas e autônomas, regiões, distritos, cidades, bairros, vilas e povoados devem assegurar o cumprimento estrito dos regulamentos do estado de emergência, de acordo com as leis soviéticas do regime jurídico do estado de emergência e os decretos do Comitê Estatal para o Estado de Emergência (CEE). Em caso de incapacidade de assegurar a observância desses regulamentos, os poderes dos respectivos órgãos de administração serão suspensos, e suas funções serão exercidas por funcionários especialmente indicados pelo CEE.
2. Deve-se imediatamente assegurar o poder de unidades de administração ou militarizadas que constarem a Constituição ou as leis.
3. Considerar proibidas as greves e as decisões dos órgãos de poder e de administração que contrariem a Constituição ou as leis da URSS.
4. Suspender as atividades de partidos políticos, organizações sociais e movimentos de massa que ofendam a normalização da situação.
5. Como o Comitê Estatal assume imediatamente as funções do Comitê de Segurança da URSS, a autoridade deste último fica suspensa.
6. Cidades, instituições e organizações deverão assegurar em demora todos os tipos de armas de fogo, munição, explosivos e equipamento militar.
7. Controlar os meios de comunicação de massa e agregá-los em órgãos supervisionados pelo CEE.
8. Órgãos de administração e dirigentes de empresas e organizações devem tomar medidas para assegurar a ordem e a disciplina em todos os aspectos da vida pública; b) assegurar o funcionamento normal de empresas em todos os setores da economia e o cumprimento das metas de produção e do fornecimento de matérias-primas; c) economizar meios técnicos, materiais e monetários; d) tomar medidas concretas contra a economia informal e tomar medidas de responsabilidade criminal em caso de corrupção, roubo, especulação, deslealdade, ocultação de mercadorias e outras transações; e) criar condições para que a URSS aumente sua potencial econômico e atenda às necessidades vitais do povo.
10. Considerar incompatível o trabalho regular nos órgãos de administração com atividades de lazer.
11. O Gabinete Ministerial deve inventariar em uma semana os estoques de alimentos e de bens de primeira necessidade; e controlar seu armazenamento e distribuição; abastecer urgentemente estabelecimentos infantis e escolas e hospitais; apresentar propostas para a restauração e recuperação de alguns preços de artigos e serviços, assim como estabelecer aumento de salários e pensões em duas semanas; elaborar projetos para

MOSCÚ — AFP

